



SIDEREUM ANA III  
El río Guadiana y Tartessos

Javier Jiménez Ávila (ed.)



Serie Compacta 1

SERIE COMPACTA  
(*Compendia et Acta*)

1

SIDEREUM ANA III  
El río Guadiana y Tartessos

JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA  
(ed.)

SIDEREUM ANA III: el río Guadiana y Tartessos : [actas de la reunión científica] / Javier Jiménez Ávila, ed. – Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica, 2017. – 630 p. : il. ; 30 cm  
(Serie compacta. Compendia et Acta ; 1)

ISBN 978-84-697-4788-9

1.Excavaciones (Arqueología)–España-Guadiana, Cuenca del-Congresos. 2. Guadiana, Cuenca del (España)-Historia-Hasta 0218 A. J.C. (Período prerromano)-Congresos . 3. Guadiana, Cuenca del (España)-Antigüedades-Congresos. 4.Tartessos (Reino)-Congresos. I. Jiménez, Ávila, F. Javier, ed. lit. II. Subtit. : El río Guadiana y Tartessos. III. Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida, ed. IV. Col.  
902(460-15)"637"(063)  
904(460-15)"637"(063)

Este libro contiene las actas de la reunión científica “Sidereum Ana III, El río Guadiana y Tartessos”, celebrada en Mérida en septiembre de 2012 y realizada en el marco del proyecto *Prehistoria del Territorio de Mérida a través de la Colección Comarcal* (PRI09A154) financiado por la Junta de Extremadura dentro del III Plan Regional de Investigación, Desarrollo e Innovación.

Portada: Fragmento de plato de cerámica griega (s. VI a.C.) procedente de El Cuco, Guadajira (Badajoz). Foto V. Novillo.

© Consorcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida.

© de los textos: los autores.

Diseño y maquetación: Juan Carlos Conde.

Impresión: Imprenta Rayego, S.L.

ISBN: 978-84-697-4788-9

Depósito Legal: BA-000321-2017

Impreso en España. Printed in Spain.

## SUMARIO

---

<b>Presentación. Sidereum Ana: diez años de encuentros transfronterizos y arqueológicos</b> Javier Jiménez Ávila.....	9
<b>La Anficiónía Tartesia orientalizante</b> Martín Almagro-Gorbea – Alfredo Mederos Martín – Mariano Torres Ortiz.....	15
<b>El Alto Guadiana entre los siglos VIII y VI a.C.</b> <b>Novedades estratigráficas en el área 4 de <i>Sisapo</i> – La Bienvenida (Almodóvar del Campo, Ciudad Real)</b> Mar Zarzalejos Prieto – Germán Esteban Borrajo – Patricia Hevia Gómez .....	39
<b>Ancha es Tartessos.</b> <b>El Periodo Orientalizante (siglos VIII-VI a.C.) en el tramo extremeño del Guadiana</b> Javier Jiménez Ávila.....	69
<b>La ocupación orientalizante de la Escuela de Hostelería de Mérida</b> Javier Jiménez Ávila – Francisco Javier Heras Mora.....	107
<b>Povoamento “orientalizante” na margem esquerda do Guadiana</b> <b>Uma leitura a partir do Passo Alto e do Castelo de Serpa</b> Ana Sofia Antunes – António M. Monge Soares – Manuela de Deus – Rui M. Soares.....	131
<b>Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3:</b> <b>Contextos de Planície da I Idade do Ferro do Alentejo Interior</b> Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Susana Estrela – Javier Larrazabal António M. Monge Soares – Rosa M. Salvador Mateos .....	159
<b>A necrópole da Vinha das Calças (Beja, Portugal)</b> Ana Margarida Arruda – Rui Barbosa – Francisco Gomes – Elisa de Sousa .....	187
<b>A necrópole de Palhais (Beringel, Beja)</b> Filipe J.C. Santos – Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Carolina Grilo.....	227
<b>A necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (São Brissos, Beja)</b> Rui M. Soares – Lúcia Baptista – Rui Pinheiro – Lurdes Oliveira – Zélia Rodrigues – Nelson Vale.....	263
<b>Alentejo, a Sul de Beja: a necrópole sidérica da Quinta do Estácio 6</b> Tiago do Pereiro – Rui Mataloto – Nelson Borges .....	303
<b>A paisagem funerária a Oeste de Beja no Período Orientalizante:</b> <b>as necrópoles de Carlota (São Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior)</b> Rosa M. Salvador Mateos – José António Pereira.....	333

<b>Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja</b>	
Margarida Figueiredo – Rui Mataloto .....	353
<b>La Sepultura 38 de Quinta do Castelo 5 (Salvada, Beja). Nota preliminar</b>	
Ever Calvo Rodriguez – Patricia Simão .....	399
<b>A necrópole de Pisões (Beja)</b>	
Patrícia Bargão – Dulce Fernandes .....	407
<b>O Cabeço Redondo (Moura).</b>	
<b>Um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana</b>	
Rui Monge Soares – António M. Monge Soares .....	421
<b>Castro Marim entre indígenas, Fenícios e Tartéssicos</b>	
Ana Margarida Arruda – Carlos Filipe de Oliveira – Vera Teixeira de Freitas .....	443
<b>Primer avance sobre el asentamiento fenicio de Ayamonte (Huelva)</b>	
Juan Aurelio Pérez Macías – Benjamín Cabaco Encinas – Elisabet García Teyssandier .....	467
<b>El descubrimiento de la necrópolis fenicia de Ayamonte, Huelva (siglos VIII–VII a.C.)</b>	
Elisabet García Teyssandier – Dirce Marzoli – Benjamín Cabaco Encinas Bärbel Heußner – Ingrid Gamer-Wallert .....	493
<b>La orientalización de Huelva (siglos VIII–VI a.C.)</b>	
Francisco Gómez Toscano .....	531
<b>Una vivienda rural orientalizante en la <i>chora</i> de la Huelva “tartésica”: el fondo de cabaña 577 de La Orden-Seminario</b>	
Cristina López Cabot – Juan Carlos Vera-Rodríguez .....	557
<b>Nuevos datos sobre la Huelva tartésica. La excavación arqueológica de la calle Concepción 3</b>	
Marcos García Fernández .....	579
<b>Tradição indígena e orientalizante na metalurgia do bronze da bacia do Guadiana entre os séculos VIII e VI a.C.</b>	
Pedro Valério – António M. Monge Soares – Maria Fátima Araújo – Rui J.C. Silva .....	605
<b>Conclusiones – Conclusões</b>	
Paolo Bernardini – Rui Mataloto – Juan Pereira Sieso – Sabah Walid Sbeinati .....	617
<b>Relación de autores.....</b>	625



# A NECRÓPOLE DE PALHAIS (BERINGEL, BEJA)

---

Filipe J.C. SANTOS  
*(Arqueólogo)*

Ana Sofia ANTUNES  
*(Câmara Municipal de Serpa)*

Manuela de DEUS  
*(Direção Regional de Cultura do Alentejo, Extensão de Castro Verde)*

Carolina GRILO  
*(UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)*

## RESUMEN

---

O presente artigo pretende constituir-se como uma revisão dos dados referentes à necrópole da I Idade do Ferro de Palhais, apresentada de forma preliminar em 2009, em função do estudo da totalidade do conjunto artefactual que lhe está associado e do conhecimento, hoje aumentado, da realidade funerária de cronologia sidérica da região envolvente de Beja (Baixo Alentejo). Efectua-se uma análise mais aturada das realidades observadas, dando conta de novas interpretações ou da revisão de algumas das anteriores em relação a alguns dos contextos previamente observados.

## ABSTRACT

---

This paper presents a revision on the results from the Iron Age necropolis of Palhais, published in a preliminary paper in 2009, in view of the study of the overall artifact assemblage of the necropolis and the knowledge, today seasoned, of the Iron Age funerary landscape in the surrounding area of Beja (Baixo Alentejo). Regarding these new data, a more accurate examination of the observed evidences and archeological contexts is effected, providing new interpretations as well as the revision of some of the former ones presented in 2009.

**SIDEREUM ANA III**

**El río Guadiana y Tartessos**

JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA (ed.)

*Publicaciones del Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida*

*Serie Compacta (Compendia et Acta) n.º 1. Mérida 2016*

*pp. 227-261*





## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, um número significativo de intervenções arqueológicas realizadas no interior do Baixo Alentejo, decorrentes da implementação dos programas de minimização de impactos associados aos Blocos de Rega de Alqueva, contribuíram para um maior conhecimento dos contextos funerários sidéricos do Sul de Portugal, não só ao nível das arquiteturas, como dos próprios ritos e da diversidade e riqueza da cultura material que se lhes associam.

Esta área geográfica, inserta em plena peneplanície alentejana, compreende, sabemo-lo hoje, muito embora a sua identificação tenha relação directa com o desenvolvimento no terreno dos próprios projectos de regadio aludidos anteriormente, um número assinalável de sítios arqueológicos com abundantes evidências conotadas com contextos funerários da I Idade do Ferro, observando-se em todos a existência de denominadores comuns (Fig. 1). Estes traduzem-se, entre outros, pela presença de “recintos”, materializados no terreno pela escavação dos quatro tramos que habitualmente os compõem na rocha diorítica branda de base (caliço), conferindo a estas estruturas negativas uma planta de feição subquadrangular e/ou subrectangular.

Palhais, localizada a cerca de 13 km a nordeste de Beja, próximo de Beringel, foi a primeira destas necrópoles a ser intervencionada e publicada,<sup>1</sup> não se dispondo, na altura, dos paralelos que hoje se conhecem na região. A posterior realização de escavações mais extensas em outras necrópoles e a publicação preliminar da necrópole da Carlota,<sup>2</sup> vieram permitir, dentro da diversidade e das questões que ainda se colocam, compreender melhor os aspectos arquitectónicos e os conjuntos artefactuais relacionados com os rituais funerários. Intervencionada em Abril de 2008, foi, à semelhança de outras necrópoles, apenas parcialmente escavada, não ultrapassando a área aberta os 37 m<sup>2</sup>. A escavação arqueológica ali desenvolvida, com carácter de emergência, foi despoletada pela identificação de estruturas em associação a materiais da I Idade do Ferro durante

a abertura de uma das valas conotadas com a implementação do Bloco de Rega do Pisão. A escassa área intervencionada, aliada à destruição parcial de todos os contextos ali observados, são, desde logo, um factor inibidor para uma melhor apreensão das realidades arqueológicas de Palhais.

O presente artigo pretende constituir-se, em suma, não só como uma revisitação da necrópole de Palhais a partir dos mesmos dados que decorreram da sua intervenção arqueológica, sobre os quais já nos debruçámos em publicação anterior,<sup>3</sup> mas acima de tudo dar conta de novas interpretações ou da revisão de algumas das anteriores em relação a alguns dos contextos anteriormente observados, apresentando-se, de igual modo, um estudo mais aturado, desta feita, sobre a totalidade do material arqueológico com estes relacionado.

A partir do sítio em análise, detém-se um amplo domínio visual sobre o território circundante, sendo o mesmo caracterizado por uma orografia extremamente aplanada, acrescentando-se ainda que os valores de cota mais elevados se situam apenas nos 170 m. Hoje em dia, os terrenos envolventes, com muito bom aproveitamento agrícola, alternam o cultivo de cereal com outras parcelas muito bem organizadas de olival. Na área de Palhais e na sua envolvente directa, os solos agrícolas são extremamente argilosos (enquadrando-se na área dos conhecidos “Barros de Beja”), identificando-se imediatamente subjacente à camada de terras aráveis com as características aludidas, o topo de um substrato de coloração esbranquiçada (“caliço”) e de reduzidíssima dureza, resultante da desagregação dos granodioritos (Complexo ígneo de Beja). Nas imediações de Palhais encontramos actualmente pequenas ramificações hidrográficas que se desenvolvem a partir das duas ribeiras principais mais próximas: ribeira do Monte do Marquês e ribeira do Galego.

A par com outras áreas de necrópoles de grandes analogias com Palhais, destacam-se, pela sua proximidade, o sítio de Monte do Marquês 7, a cerca de 1.300 m a sudoeste, a Vinha das Caliças 4, a 2.300 m a nordeste, avistando-se também na

<sup>1</sup> Santos *et al.* 2009.

<sup>2</sup> Salvador e Pereira 2012.

<sup>3</sup> Santos *et al.* 2009.

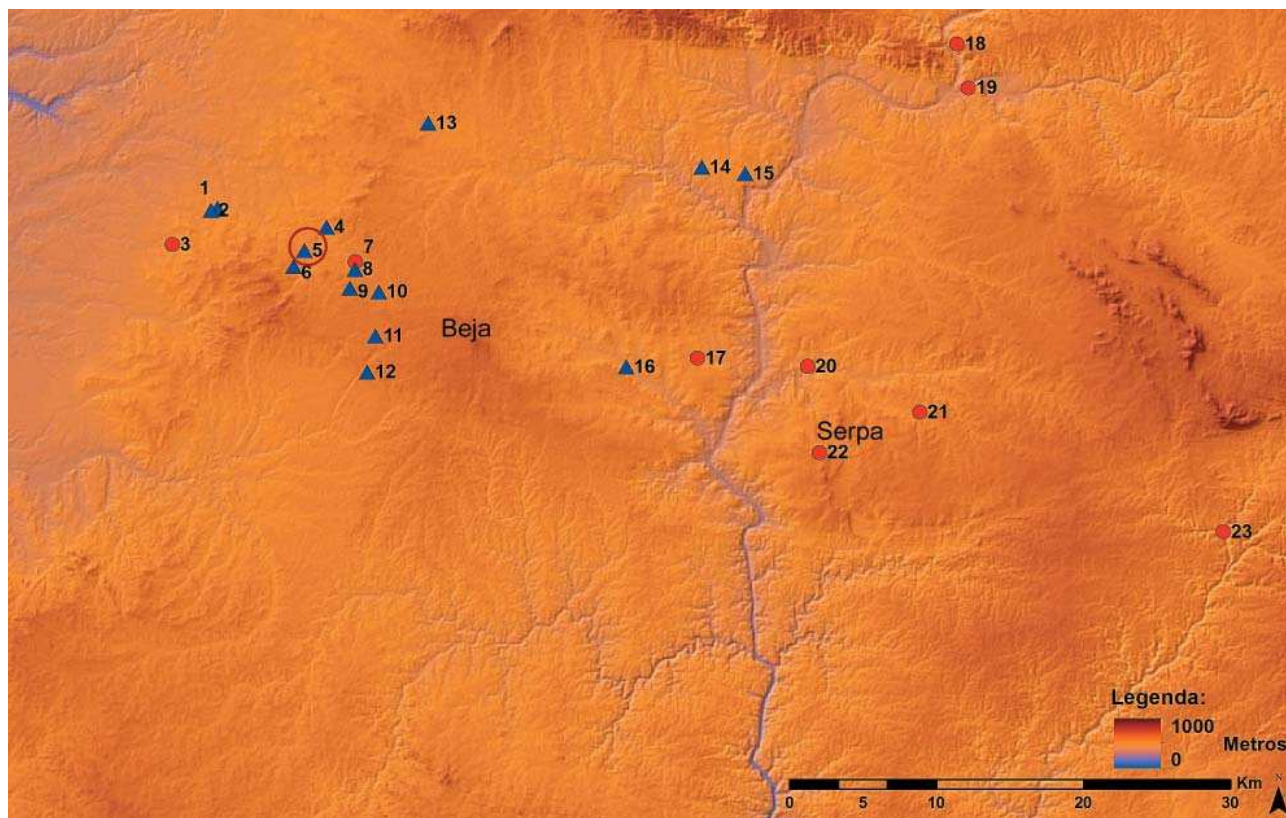


Fig. 1.— Localização de Palhais no contexto das necrópoles e sítios de habitat da Idade do Ferro da região de Beja. Círculos: sítios de habitat. Triângulos: necrópoles. 1. Pardieiro; 2. Poço da Gontinha; 3. Monte do Pombal 2; 4. Vinha das Calças 4; 5. Palhais; 6. Monte do Marquês 7; 7. Monte do Bolor 3; 8. Monte do Bolor 1; 9. Carlota; 10. Monte do Arcediago 1; 11. Cinco Reis 8; 12. Pisões; 13. Xanra; 14. Fareleira 3; 15. Poço Novo 1; 16. Herdade das Carretas; 17. Folha do Ranjão; 18. Castro dos Ratinhos; 19. Azougada; 20. Salsa 3; 21. Torre Velha 3; 22. Castelo de Serpa; 23. Cabeço Redondo; 24. Passo Alto; 25. Monte do Pombal 1.

linha de horizonte o grande povoado amuralhado do Outeiro do Circo. Refira-se, mais uma vez, que a alusão a este sítio advém não só da sua relativa proximidade à estação em apreço, mas porque o mesmo se terá constituído, ainda no Bronze Final, como um importante centro de poder ao nível da organização territorial desta região. Tendo até à data apenas sido referenciados elementos cronológicos, relativamente seguros, de uma ocupação deste povoado no Bronze Final,<sup>4</sup> não é descartável a possibilidade de a mesma, como noutros casos (por exemplo, o Castro dos Ratinhos),<sup>5</sup> se ter estendido à Idade do Ferro.

Muito embora as necrópoles mais próximas com afinidades culturais a Palhais já se tenham referido, importará salientar que outros núcleos se foram descobrindo em área geográfica relativamente contígua, chamando-se destes a atenção para os sítios de Carlota (necrópole) e Monte do Bolor 1 (povoado provavelmente associado),<sup>6</sup> localizados apenas

a cerca de 4.000 m a sudeste de Palhais, especialmente para a primeira, na qual Palhais encontra paralelos interessantes ao nível da cultura material e das próprias arquiteturas funerárias.<sup>7</sup>

## 1. AS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Na área escavada da necrópole de Palhais identificaram-se diversas estruturas, algumas das quais poderão estar associadas (Fig. 2). O espaço funerário está, em parte, marcado pela implantação de recintos (possivelmente dois, adossados), que constituem áreas delimitadas por dispositivos negativos relativamente extensos, escavados

<sup>7</sup> A bibliografia e os investigadores têm vindo a referir-se a estas estruturas negativas de planta ortogonal como “corredores” ou como “recintos”. Abdicámos do uso do termo “corredor” (Santos *et al.* 2009), na medida em que não ficou demonstrado que estas estruturas delimitadoras configurem acessos ou locais de passagem entre espaços. No que se refere ao conceito de “recinto”, este designa uma área, um espaço circunscrito definido por determinados limites. Como tal, não é adequado aplicá-lo às estruturas negativas ortogonais. Estas, não constituem recintos, mas antes delimitam-nos.

<sup>4</sup> Serra *et al.* 2008; Serra e Porfírio 2013.

<sup>5</sup> Berrocal-Rangel e Silva 2010.

<sup>6</sup> Proença 2010; Antunes *et al.* neste volume.

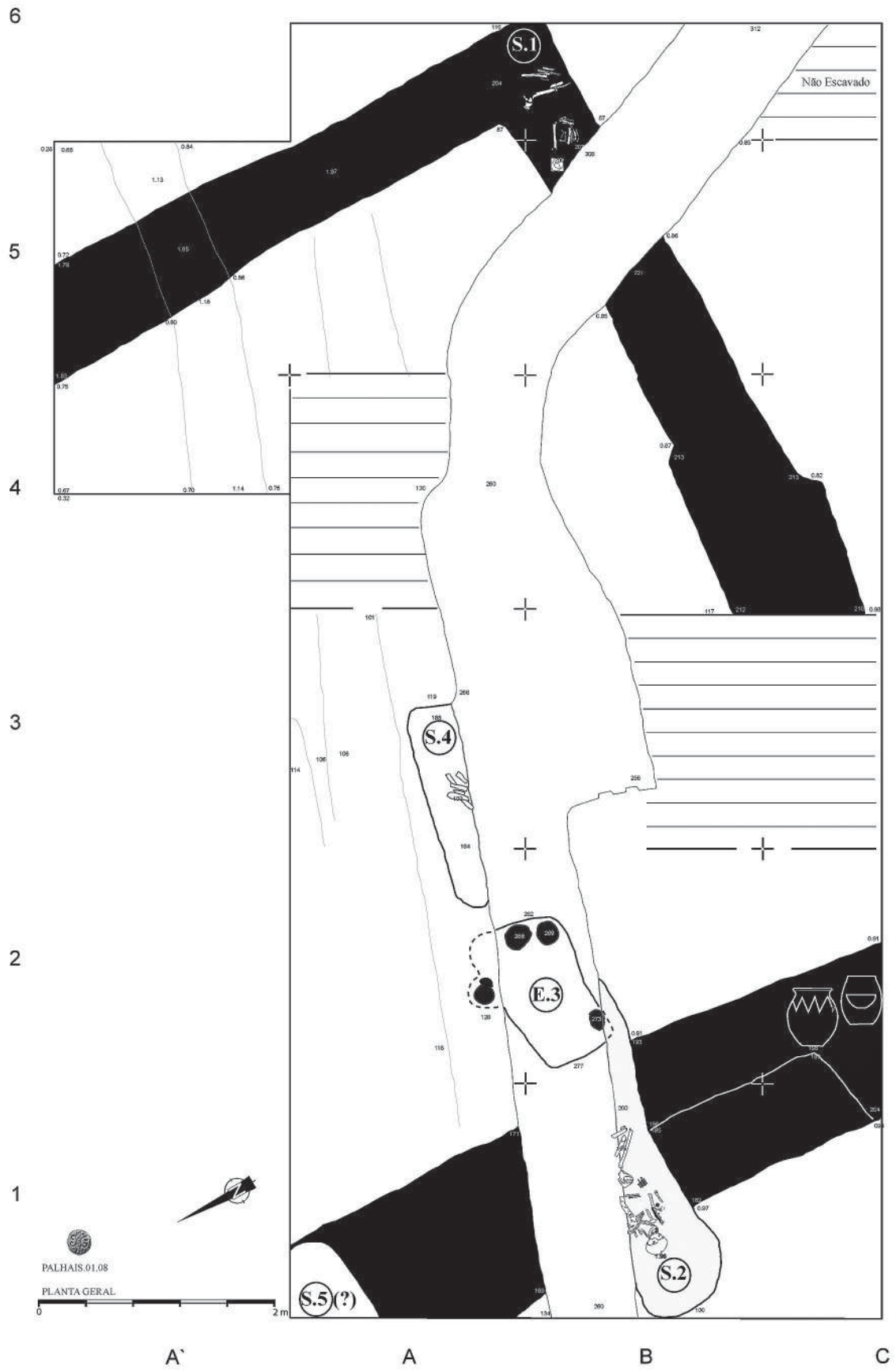


Fig. 2.— Planta geral da necrópole de Palhais.

na rocha, de planta ortogonal, designados como fossos.<sup>8</sup>

No interior dos recintos registam-se outras estruturas, igualmente abertas no substrato geológico. É o caso do Recinto 1, sobre o qual incidiu a maior parte da escavação arqueológica, em cujo interior se identificou uma sepultura de inumação (S. 4) e uma estrutura negativa cuja funcionalidade não será funerária, mas eventualmente votiva ou cultural (E. 3). A ausência de relação estratigráfica entre estas realidades conduz-nos a ser cautelosos na sua associação, embora não deixemos de colocar a hipótese de perspetivar o Recinto 1 como um Monumento, que integraria o Fosso 1, de planta ortogonal, a sepultura 4 e, eventualmente, a Estrutura 3.

Já o possível Recinto 2 ficou apenas documentado por um tramo (este) de um destes fossos (possivelmente ortogonal), que se adossa ao tramo oeste do fosso do Recinto 1.

O espaço funerário é ainda marcado pela abertura de outras sepulturas de inumação, que ocupam a área dos recintos, mas que desconhecemos se mantêm uma relação e associação direta com eles, ou se refletem antes uma ruptura na concepção do espaço funerário e do sistema social e/ou familiar que lhe subjaz. Estas sepulturas tanto se inserem no interior dos fossos dos recintos (S.1), como os atravessam (S.2 e, possivelmente S.5), rompendo as suas paredes e os sedimentos que os colmatam.

## 1.1. OS RECINTOS FUNERÁRIOS

### 1.1.1. Recinto 1

O Recinto 1 corresponde a uma área definida por um fosso escavado na rocha (Figs. 3 e 4), que não foi possível intervencionar, nem na íntegra (desconhecendo-se em absoluto o seu segmento norte), nem de forma contínua (não se tendo estabelecido a

<sup>8</sup> A utilização do termo fosso aplicado às estruturas escavadas na rocha que delimitam os recintos não é unânime entre todos os autores do presente artigo. Se por um lado se trata de uma designação cómoda que se aplica ao caso vertente e que é adoptado em outros contextos sidéricos sem cariz defensivo, na medida em que é entendida como uma estrutura negativa de tendência linear, mais ou menos extensa e que pode ou não ser fechada, por outro lado, trata-se de um termo comumente associado a estruturas defensivas e que utilizado naquela acepção poderá ser demasiado abrangente por se aplicar a uma grande variabilidade de estruturas lineares.



Fig. 3.— *Arquitectura do Recinto 1.*

ligação entre os seus troços sul e oeste), mas que assumiria uma planta subquadrangular ou subrectangular, com uma extensão de 7,20 m entre os limites internos dos seus tramos oeste e este, configurando dimensões e orientação aproximadas ao Recinto 1 da vizinha necrópole da Carlota.<sup>9</sup> Os seus troços, de secção subrectangular, alcançavam larguras médias de 0,75 m e uma altura máxima preservada de 1,30 m até ao topo do substrato geológico.

Conseguimos hoje com maior segurança compreender esta e as restantes estruturas que formam no seu conjunto um monumento funerário, do que quando a publicámos em 2009, altura em que eram nulos os paralelos publicados e raros os escavados, sendo revistas algumas das interpretações então efectuadas.

Conforme abordaremos mais detalhadamente na sepultura 4, é plausível a existência de um modelo arquitectónico funerário baseado na delimitação de uma (ou duas) sepulturas relativamente centrais por estruturas poligonais igualmente escavadas na rocha.

Embora nos pareça plausível que o Recinto 1 de Palhais assumia uma planta poligonal fechada

<sup>9</sup> Salvador e Pereira 2012: 319s., fig. 2.

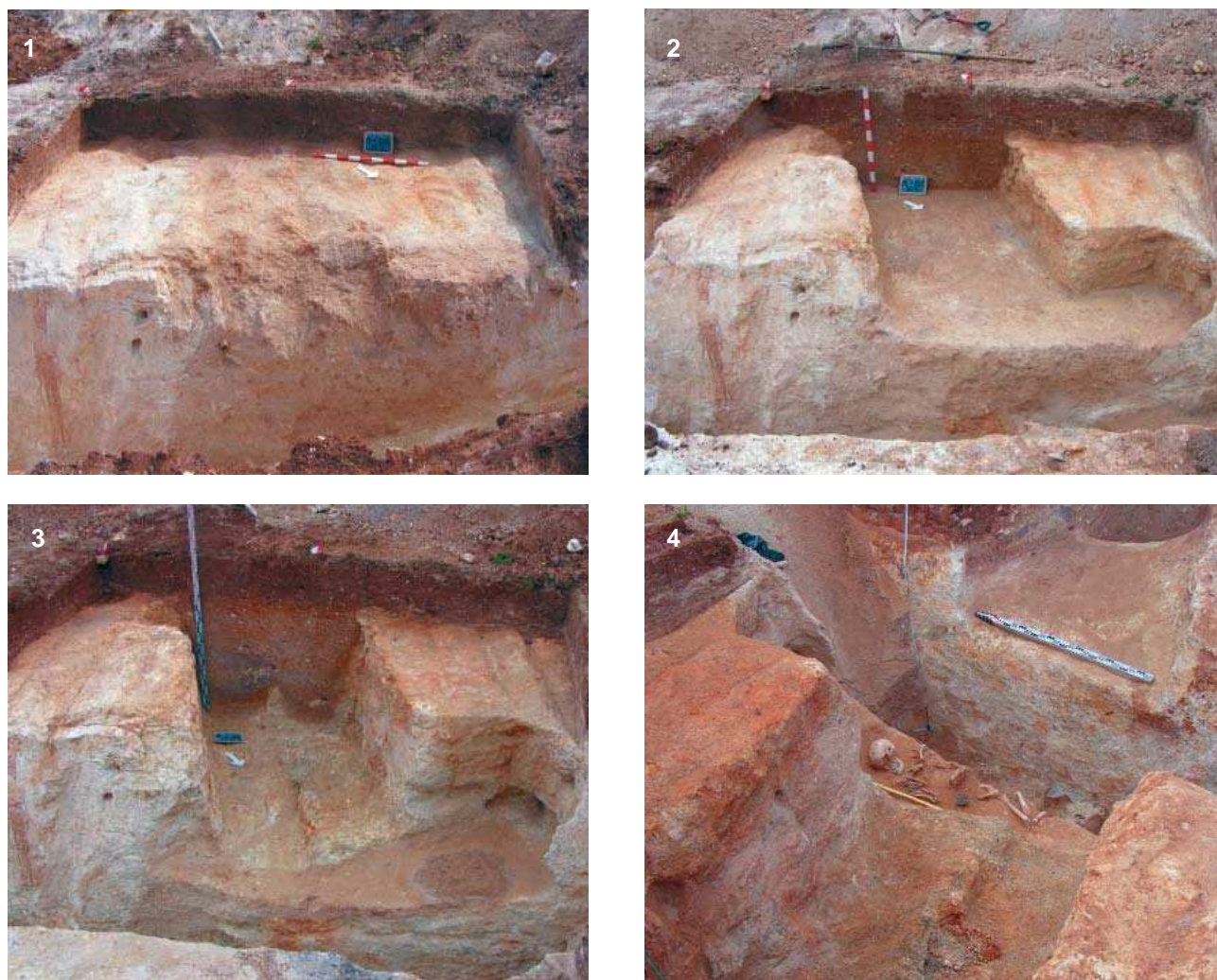


Fig. 4.— Estratigrafia do Recinto 1.

(como noutras necrópoles da região – Carlota, Vinha das Caliças 4,<sup>10</sup> etc.), em algumas necrópoles os recintos não se encontram fechados, como no Poço Novo 1, onde apresenta uma planta em “L”, ou na Fareleira 2, onde assume a forma de “U”.<sup>11</sup> No entanto, algumas destas situações poderão relacionar-se meramente com o grau de preservação destas estruturas e não resultar de uma característica arquitectónica específica.

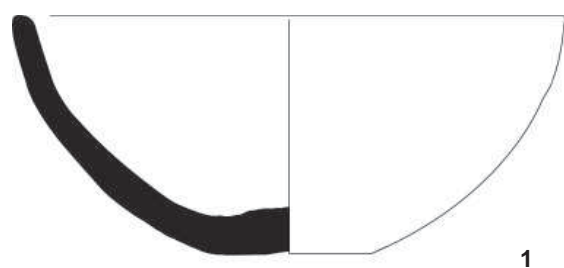
Por questões certamente relacionadas com a natureza dos rituais funerários e votivos associados (que não conseguimos por ora alcançar), e não obstante a possibilidade da violação da suposta sepultura central (inumação 4) nos dar uma imagem distorcida da realidade, em Palhais parece ter sido privilegiada a deposição de oferendas numa estrutura aparentemente não funerária (Estrutura 3) e

possivelmente em determinados tramos dos próprios fossos que delimitam o recinto funerário.

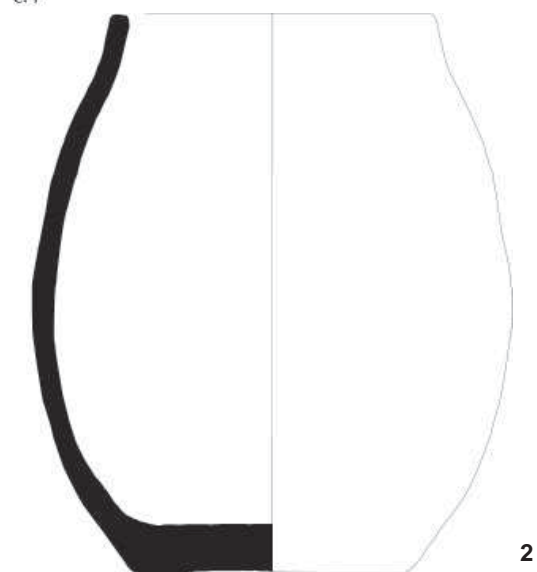
A estratigrafia do interior do Fosso (Fig. 4) que delimita o Recinto 1 corresponde a enchimentos tendencialmente horizontais e homogéneos, compostos pela sucessão linear de três camadas (c. 2, 3 e 4, do topo para a base). Do seu interior são provenientes alguns materiais, exclusivamente cerâmicos e elaborados manualmente. Alguns destes constituem apenas pequenos fragmentos embalados pelos sedimentos que colmataram a estrutura, cuja presença é difícil de apreender – serão restos de objectos usados em rituais funerários que uma vez fracturados permanecem no local da necrópole e vão sendo inadvertida e casuisticamente incorporados nos sedimentos que colmatam as estruturas, ou a sua presença resulta de um acto intencional? Outros materiais cerâmicos poderão ser interpretados com mais segurança como estando relacionados com rituais funerários, ou eventualmente

<sup>10</sup> Salvador e Pereira 2012; Salvador e Pereira neste volume; Arruda *et al.* neste volume.

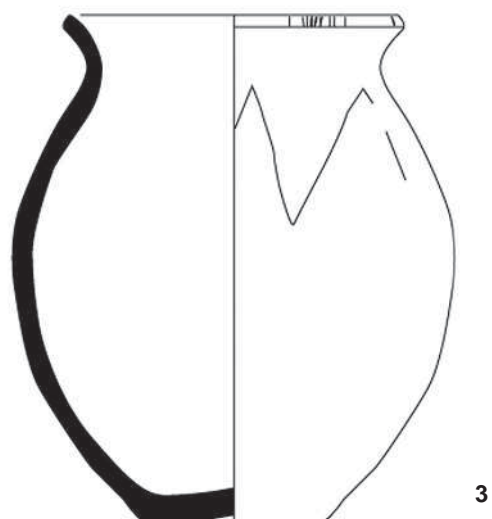
<sup>11</sup> Figueiredo e Mataloto neste volume.



Palhais.01.08  
Qd. C2  
c.4



Palhais.01.08  
Qd. C2  
c.3



Palhais.01.08  
Qd. C2  
c.3M

com deposições votivas, atendendo à sua posição relativa no interior do próprio fosso, ao seu estado de conservação e aos paralelos que podemos estabelecer com outras necrópoles. Na área escavada, registou-se uma concentração de deposições cerâmicas no que seria o canto sudoeste desta estrutura, particularmente na quadrícula C2, de onde provêm, da camada da base (c. 4), uma pequena taça hemisférica (Fig. 5, n.º 1), do fundo da camada que se sobrepõe à anterior (c. 3); um pote liso (Fig. 5, n.º 2) e um vaso globular com decoração incisa ziguezagueante no colo e conjuntos de incisões no bordo, cujos fragmentos foram recolhidos nas camadas 3 e 4 (Fig. 5, n.º 3).<sup>12</sup> Esta imagem da distribuição dos fragmentos pela estratigrafia pode resultar de fenómenos pós-deposicionais, relacionados quer com factores como a bioturbação ou o pisoteio, quer com os próprios fenómenos de alteração que se processam nos sedimentos após a sua formação, pelo que não é seguro afirmar com toda a certeza que se está perante uma sobreposição de deposições de recipientes ou perante a deposição única de um conjunto cerâmico. Não obstante esta situação, é notório que o canto sudoeste do Fosso foi o privilegiado, na área escavada, para estas deposições e não podemos deixar de colocar a hipótese de corresponderem a materialidades resultantes de rituais funerários que se praticariam no local ou eventualmente a deposições votivas, situação que poderia ter paralelos nas necrópoles da Carlota e de Cinco Reis 8,<sup>15</sup> embora nestes casos o carácter votivo pareça estar associado a peças com representações zoomórficas.

As taças hemisféricas constituem uma das morfologias mais comuns dos contextos da Idade do Ferro peninsular, resultando cronologicamente ineficaz a evocação de paralelos. Os potes manuais de paredes inclinadas com tendência para o estreitamento do diâmetro do bordo são uma forma que radica na produção cerâmica regional do Bronze Final, estando bem documentada por exemplo na margem esquerda alentejana do Guadiana, em Santa Margarida<sup>14</sup> ou no Passo Alto,<sup>15</sup> prolongando-se, ainda que com menor frequência, pelo segundo quartel do I milénio a.C., encontrando-se representada no Castelo de Castro

<sup>12</sup> Corrigimos os dados publicados em Santos *et al.* 2009, fig. 14, que indicavam erroneamente que o vaso globular com decoração incisa provinha da camada 2.

<sup>13</sup> Salvador e Pereira neste volume.

<sup>14</sup> Soares 2005: 115-117, figs. 4-6.

<sup>15</sup> Soares *et al.* 2012: 270-271, figs. 22 e 23.

Fig. 5.— Conjunto artefactual recolhido no interior do Fosso 1 (Quadr. C2).

Marim, sobretudo nas fases III e IV, entre a segunda metade do século VIII e o início do século V a.C.<sup>16</sup>

Vasos manuais com bordos incisos são frequentes no território actualmente português, desde o Bronze Final, estando bem representados na Beira Baixa, nos povoados do Castelejo, do Monte do Frade, dos Alegrios, da Moreirinha e de São Gens<sup>17</sup> até aos contextos pós-orientalizantes do interior do Alentejo, documentando-se abundantemente por exemplo na Herdade da Sapatoa 1 entre os finais do século VI e os inícios do século V a.C.<sup>18</sup> O vaso globular de bordo curto constitui uma forma igualmente recorrente nos contextos pós-orientalizantes alentejanos. Peças desta morfologia com decoração incisa no bordo e no colo surgem, por exemplo, no Alentejo Central, nos sítios do Alto de São Gens, num contexto possivelmente da segunda metade do século VII a.C.<sup>19</sup> e do Espinhaço de Cão, balizado entre os finais do século VII e os inícios do século V a.C.<sup>20</sup> No Baixo Alentejo, este tipo de recipientes com os mesmos motivos decorativos ocorre na necrópole da Nora Velha 2<sup>21</sup> e, sem decoração, na sepultura 1 da necrópole de Corte Margarida, com uma cronologia proposta em torno ao século VI a.C.<sup>22</sup> Na foz do Guadiana, no Castelo de Castro Marim, surgem nas fases III e IV, entre a segunda metade do século VIII e o início do século V a.C.<sup>23</sup> Tal como no Alentejo, na Baixa Andaluzia são recorrentes vasos de confecção manual tosca com decoração incisa ziguezagueante, frequentemente associada a impressões e aplicações plásticas, desde meados do século VIII até aos inícios do século V a.C.<sup>24</sup>

Embora sejam escassos os elementos de que dispomos para aferir a cronologia desta estrutura e aqueles tenham também horizontes de manufactura e de circulação latos, julgamos plausível propor que a colmatação do Fosso do Recinto 1, bem como a sua construção, terão ocorrido num momento situado entre a segunda metade do século VI e o início do século V a.C.

<sup>16</sup> Oliveira 2006: ests. 24, 32, 49, 53, 58, 60 e 62, n.º 13387, 13403, 13411, 13429, 14883, 13309, 15155, 13370, 4150 e 1835.

<sup>17</sup> Vilaça 1995.

<sup>18</sup> Mataloto 2004a.

<sup>19</sup> Mataloto 2004b: 160.

<sup>20</sup> Calado *et al.* 2007: 150-151, fig. 22, n.º 1881; Calado e Mataloto 2008: 201, fig. 8, n.º 1881 e 203, fig. 9, n.º 1784.

<sup>21</sup> Arnaud *et al.* 1994: 201.

<sup>22</sup> Deus e Correia 2005: 617, fig. 2.

<sup>23</sup> Oliveira 2006: est. 15, n.º 15478, est. 31, n.º 13810, est. 57, n.º 7444.

<sup>24</sup> Morena 2000: 42-53.

### 1.1.2. Recinto 2

No perfil sul da área escavada (Figs. 2 e 4, 3-4) observa-se que o troço oeste do fosso do Recinto 1 e os depósitos que o colmatavam foram cortados, apresentando-se na sua parte mais visível a uma cota ligeiramente inferior, para dar origem ao que interpretamos como o tramo este (com cerca de 0,60 m de largura) de outro fosso associado a um segundo recinto, que se adossaria assim ao mais antigo e que se desenvolveria no sentido oeste.

A estrutura que supomos delimitar o Recinto 2 foi preenchida pela camada 3a, sendo depois coberta pela camada 2 (que também se sobrepõe à camada 3 do fosso do Recinto 1).

Nesta camada apenas foram recolhidos (na área escavada) 2 fragmentos de bojo de cerâmica, o que impede uma datação concreta deste segundo fosso que, desse modo, se pressupõe que se integre num momento entre a segunda metade do século VI e a primeira metade da centúria seguinte, mas posterior à construção e colmatação do Fosso do Recinto 1.

Apenas o alargamento da área escavada em Palhais permitiria caracterizar melhor esta estrutura e o putativo espaço funerário que definiria, bem como entender se estamos na presença de um segundo monumento funerário ou se este fosso se engloba no Recinto 1 (e eventualmente na sepultura 4 e na Estrutura 3 como discutiremos mais adiante).

A existência de fossos distintos associados a diferentes monumentos (circundando uma ou duas sepulturas) na mesma necrópole, muitas vezes adossados, ficou documentada em várias necrópoles escavadas na região de Beja, como a Carlota, a Vinha das Calças 4, Cinco Reis 8 e o Poço da Gontinha 1.<sup>25</sup>

## 1.2. SEPULTURAS – FOSSAS DE INUMAÇÃO SIMPLES

Na necrópole de Palhais foram identificadas e escavadas três sepulturas de inumação (1, 2 e 4), que partilham a mesma orientação (este-oeste) e o que parece corresponder à extremidade este de uma quinta sepultura, localizada na quadrícula A1, com a mesma orientação das restantes.

Tal como em boa parte das necrópoles escavadas da região bejense, onde se cita, a título de

<sup>25</sup> Salvador e Pereira 2012; Arruda *et al.* neste volume; Figueiredo e Mataloto neste volume; Salvador e Pereira neste volume.



Fig. 6. — Sepultura 1.

exemplo, a Carlota,<sup>26</sup> as sepulturas de Palhais correspondem a fossas de inumação simples, de planta rectangular e extremidades arredondadas, onde foram sepultados, no caso vertente, indivíduos do sexo feminino, aos quais estão associados diversos objectos funerários de índole pessoal.

A caracterização destas sepulturas e dos seus conjuntos funerários foi extensamente apresentada em 2009, contudo, importa reiterar algumas das suas principais características, à luz da reanálise do conjunto sepulcral da própria necrópole de Palhais.

Os dados arqueostratigráficos indicam que as sepulturas de inumação identificadas são posteriores à abertura/colmatação do Fosso que delimita o Recinto I, configurando diferentes opções: no caso da sepultura 1, aberta no seu interior e reconhecida pelo corte que efectua nos enchimentos desta estrutura, e, no caso da sepultura 2, e eventualmente da sepultura 5, directamente sobre este, cortando e rebaixando a estrutura previamente existente, atingindo, na maioria dos casos, profundidades consideráveis em relação às cotas actuais do terreno. Não obstante, a aferição cronológica dos enterramentos, em particular das sepulturas 1 e 2, embora dificultada pela grande amplitude dos intervalos de produção/utilização dos objectos que lhe estão associados, balizados, *grosso modo*, entre os séculos VII e V a.C., parece sustentar uma contemporaneidade lata e relativa para estas inumações, em função das suas afinidades artefactuais, correspondendo a um período de tempo que se poderá situar, cautelosamente, entre a segunda metade do século VI e o século V a.C.

### 1.2.1. Sepultura 1

Sem contornos evidentes, a sepultura 1 (Qd. B5/6) foi definida pelos limites da própria inumação que continha, correspondendo a uma fossa aberta no tramo sul do Fosso do Recinto 1 (Fig. 6) directamente sobre o substrato de base. O enterramento exumado desta sepultura, mutilado na zona do crânio pela abertura da vala, encontrava-se em fraco estado de preservação, deposto em posição flectida, obedecendo a uma orientação Oeste (crânio) – Este (pés), cuja análise antropológica constatou tratar-se de um indivíduo adulto do sexo feminino, ao qual estavam associados objectos de cariz pessoal onde figuravam um colar de contas de faiança, um pequeno punhal afalcatado de ferro, uma fíbula e um conjunto de estética, ambos de bronze (Fig. 7).

O colar, disposto sobre o peito do indivíduo, era composto por 438 contas anelares (Fig. 7.2), monocromas, com uma gama de cores onde dominam os fundos azul, branco e verde, na maioria dos casos muito desgastados, e uma conta fusiforme, de pasta vítrea, que deveria corresponder ao seu elemento central, de tonalidade azul brilhante com decoração em raias onduladas (Fig. 7.3).

Do espólio de bronze constava uma fíbula do tipo Alcores (Fig. 7.4), comum na região de Carmona e também documentada noutros pontos da Andaluzia Ocidental, como na sepultura 15 da necrópole de La Joya,<sup>27</sup> sendo ainda de assinalar, pela proximidade geográfica e pela origem produtiva da mesma área, a fíbula de tipo Bencarrón de Quintos

<sup>26</sup> Salvador e Pereira 2012; neste volume.

<sup>27</sup> Garrido e Orta 1970: 47, fig. 21, n.º 3; Santos *et al.* 2009.



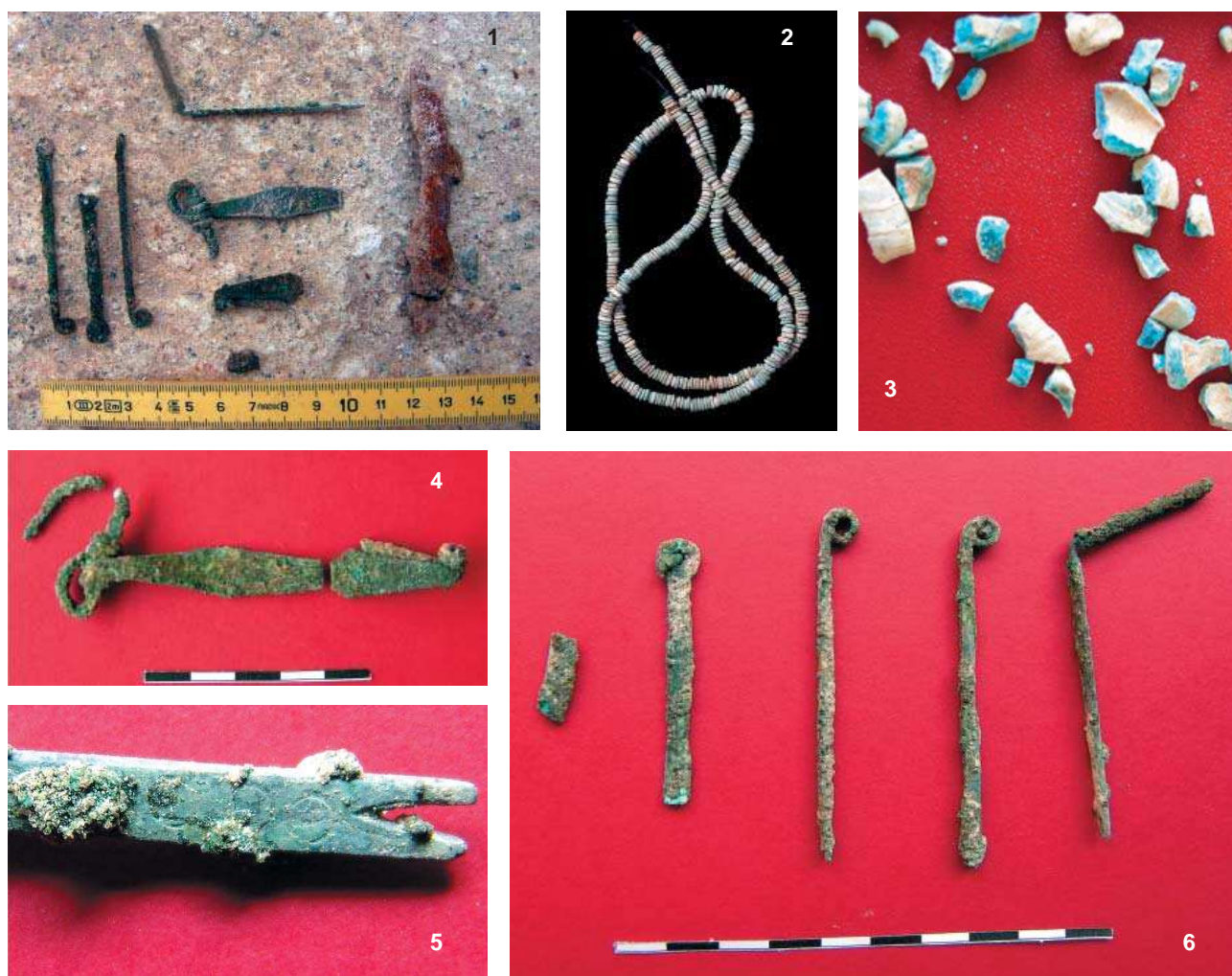


Fig. 7. — Conjunto artefactual da Sepultura 1.

(Beja)<sup>28</sup> e a fíbula de dupla mola de Torre Velha 3 (Serpa), enquadrada na segunda metade do século VII a.C.<sup>29</sup> Por último, refira-se o conjunto de toucador (Fig. 7, 5-6) composto por uma espátula, uma colher e um *scalptorium*, apresentado em 2009, até então inédito no território português e actualmente também documentado entre os conjuntos funerários da necrópole da Vinha das Calijas 4.<sup>30</sup>

### 1.2.2. Sepultura 2

À semelhança da sepultura 1, a sepultura 2 (Qd. B1) também correspondeu a uma inumação simples. Apesar de truncada no quadrante norte e nos seus limites a este, apresentava uma configuração oblonga, com a extremidade oeste, correspondente à zona da cabeceira, arredondada, com cerca de

0,80 m de largura nesta área, e um comprimento preservado em extensão de 2,80 m, tendo sido implantada sobre o tramo sul do fosso pré-existente. Porém, ao invés da sepultura 1, que ocorreu no seu interior e manteve o alinhamento do seu tramo sul, a sepultura 2 destruiu, desde o topo, parte das paredes desta estrutura e do que aparenta ser um segundo fosso, contíguo e paralelo ao tramo oeste do primeiro, relacionando-se com ambos perpendicularmente, bem como os seus níveis de enchimento, rebaixando a sua cota original.

A inumação nela contida correspondia a um indivíduo adulto do sexo feminino em posição flectida, com a colocação do crânio e a face voltada sobre o lado direito, a oeste, tendo a zona dos pés, a este, sido mutilada pela destruição provocada pela abertura da vala de obra no local (Fig. 8).

Também aqui a totalidade do conjunto artefactual preservado pôde ser relacionada com bens pertencentes ao indivíduo depositado. Tal como na sepultura 1, os objectos de adorno estavam organi-

<sup>28</sup> Cuadrado 1963: 31, fig. 6d; 34-35, mapa III.

<sup>29</sup> Estrela *et al.* 2012: 249-251.

<sup>30</sup> Arruda *et al.* neste volume.



Fig. 8.— Sepultura 2.

zados em colar conexo por material perecível. São, neste caso, representados por contas oculadas e por contas monocromas de diferentes tipologias (fusi-formes, bitroncocónicas e esféricas) de pasta vítrea (Fig. 9, n.º 1), por contas esféricas de faiança (Fig. 9, n.º 2) e por elementos de prata – contas esféricas e um pendente em forma de bolota (Fig. 9, n.º 3) – associados a um pendente circular de cerâmica com decoração simétrica em volutas (Fig. 9, n.º 4) e a um escaravelho de faiança (Fig. 9, n.º 5),<sup>31</sup> com uma inscrição incisa vertical da divindade egípcia Amon-Ré. Com paralelos em contextos arqueológicos atribuídos aos sécs. VII-VI a.C.,<sup>32</sup> na opinião de Almeida e Araújo, a referência a Amon-Ré sugere que o escaravelho terá sido produzido num período anterior à dinastia saíta (664-525 a.C.), altura em que Amon terá sido “eclipsado” por outras divindades.<sup>33</sup>

Entre o conjunto metálico, de bronze, destacou-se um segundo conjunto de toucador, menos completo-se do que o da sepultura 1, composto por uma argola, uma colher e um *scalptorium* de ponta dupla (Fig. 9, n.º 6), assim como um fecho de cinturão de dois garfos apresentando uma decoração com repetição simétrica de palmetas e pontos verticais com claras analogias com o referido pendente cerâmico recolhido no colar desta sepultura (Fig.

10). O fecho de cinturão, de tipo 4c de Quadrado e Brito (integrado entre o último quartel do século VI e meados do século V a.C.)<sup>34</sup> encontra um paralelo idêntico na necrópole da Cruz del Negro,<sup>35</sup> destacando-se ainda, pela maior proximidade geográfica, a presença de um exemplar de dois garfos na sepultura III da necrópole da Herdade do Pego,<sup>36</sup> na região de Ourique. Foi ainda registada uma pequena faca afalcatada, de lâmina recurvada e cabo nervurado, de ferro (Fig. 9.7).

### 1.2.3. Sepultura 4

A sepultura 4 (Q.A2/3) localizava-se no interior do espaço delimitado pelo fosso do Recinto 1 (referido *supra*), num ponto relativamente central do mesmo (embora mais próxima dos seus segmentos sul e oeste). Configurava uma estrutura negativa de planta subrectangular, de extremidades arredondadas, com 1,80 m de comprimento, desconhecendo-se a sua largura devido à destruição que foi infligida à totalidade do seu segmento sul em contexto de obra. A profundidade máxima registada foi de 1,30 m (relativamente à cota actual do terreno), sendo 0,70 m escavados no substrato geológico (Fig. 11).

Correspondeu a uma fossa de inumação simple, na qual se conservavam ossos longos de pelo menos

<sup>31</sup> A identificação da faiança como matéria-prima de algumas das contas de colar esféricas e do escaravelho foi feita pelo Eng.º António Monge Soares, a quem se agradece.

<sup>32</sup> Santos *et al.* 2009.

<sup>33</sup> Almeida e Araújo 2009: 119.

<sup>34</sup> Cuadrado e Brito 1970: 496 e 513.

<sup>35</sup> Monteagudo 1957: 359, fig. 11, n.º 18.

<sup>36</sup> Dias *et al.* 1970: sem representação gráfica.



Fig. 9.— Conjunto artefactual da sepultura 2.



Fig. 10.— Fecho de cinturão da sepultura 2.

um indivíduo adulto destacando-se a presença de diáfises, dois fémures, duas tíbias e dois perónios, que não permitiram a identificação do género.

Esta sepultura foi afectada num determinado momento histórico que não conseguimos por ora precisar, já que os depósitos sedimentares que cobriam os referidos vestígios osteológicos (c.5 e c.6) traduziam uma perturbação dos contextos originais, possivelmente relacionados com uma violação. Contrariamente ao que ocorre noutras sepulturas de idêntica tipologia da necrópole de Palhais, nesta o espólio recolhido é particularmente escasso e, mesmo esse, não assume nenhuma disposição particular relativamente à inumação.

Perto da base da sepultura (c. 6) encontrava-se um fragmento de ponta de lança de ferro, de secção circular (Fig. 12, n.º 1). Atendendo ao seu posicionamento estratigráfico e ao facto de uma faca afalcatada se associar à sepultura 2 de Palhais, é

provável que esta arma corresponda a um objecto pessoal depositado junto ao indivíduo sepultado. O pequeno segmento preservado desta peça e o desconhecimento da morfologia da sua folha impedem uma aferição tipológica e uma atribuição cronológica específicas, sendo possível que se assemelhe a pontas de lança presentes em algumas das necrópoles da região de Beja já parcialmente publicadas, como a da Carlota<sup>37</sup> e a do Pardieiro.<sup>38</sup>

Já o recipiente cerâmico (Fig. 12, n.º 2) será proveniente do topo do primeiro nível de revolvimento desta sepultura, podendo não se encontrar integrado no espólio da inumação. Trata-se de uma pequena taça manual de paredes rectas, bordo plano e pé ligeiramente saliente, que apresenta um espessamento de secção subquadrangular no segmento inferior da parede, contornando-a.

<sup>37</sup> Salvador e Pereira: 2012.

<sup>38</sup> Figueiredo e Mataloto neste volume.



Fig. 11.— Sepultura 4.

O único paralelo encontrado para esta taça é uma peça da necrópole de incineração alto-alentejana de Tera, de manufactura igualmente manual e grosseira, cuja saliência tinha como função suportar outro recipiente, perfurado, que se encaixava nela e que funcionaria como tampa, sendo este conjunto interpretado como incensário. A cronologia proposta para esta necrópole abrange o período que decorre entre meados do século VI e meados da centúria seguinte.<sup>39</sup> Em Palhais, não pode ser negligenciado o facto de todo o lado sul da sepultura 4 e do terreno que se lhe sobrepunha ter sido subtraído pela vala da obra, podendo estar ausente algum espólio, nomeadamente uma eventual tampa, sendo que parece plausível a função de apoio do espessamento saliente da parede da taça.

É também relevante o facto de, em Tera, este possível incensário não se encontrar aparentemente associado a uma sepultura, mas constituir um

testemunho de outro tipo de rituais para além dos estritamente fúnebres,<sup>40</sup> sendo portanto plausível que a pequena taça de Palhais corresponda a parte de um incensário relacionado com actos rituais praticados no espaço funerário, podendo relacionar-se especificamente com a sepultura 4, com conjuntos funerários mais alargados da necrópole, ou ainda com a própria necrópole no seu todo. Poderão também estar implicados rituais direccionados ao momento da inumação (no caso, pressupõe-se que da sepultura 4), ou relacionados com momentos de retorno ao espaço sepulcral. Sem dados adicionais da necrópole de Palhais e das restantes necrópoles que testemunham o mesmo fenómeno funerário, não podemos por ora estabelecer uma análise conclusiva sobre este tema.

Atendendo à posição da sepultura 4 em relação ao Recinto 1, é tentador questionar se aqui não estaremos também perante um modelo construtivo presente em alguns monumentos de outras necró-

<sup>39</sup> Mataloto 2013: 91-92, fig. 9, n.º 64.

<sup>40</sup> *Ibidem*: 92.

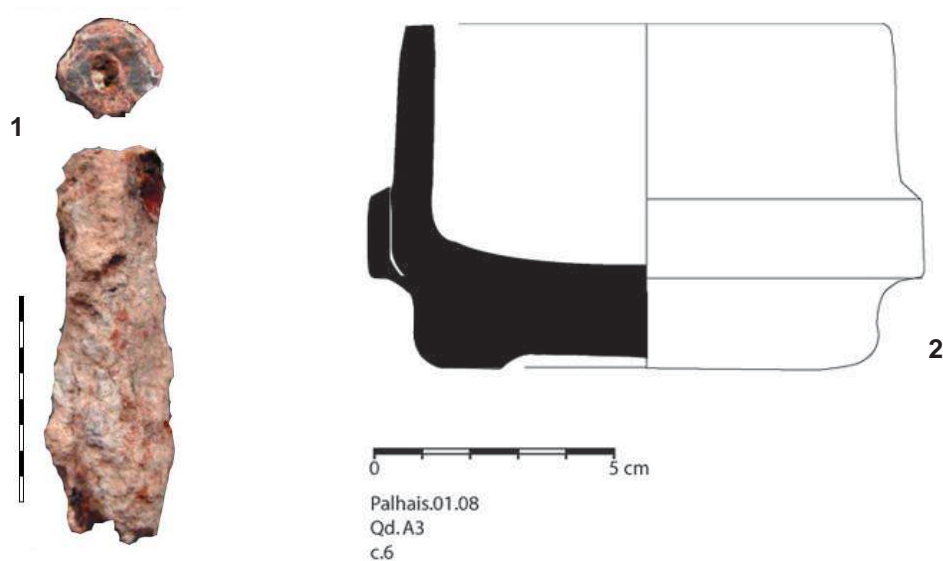


Fig. 12.— Conjunto artefactual eventualmente associado à sepultura 4.

poles da região de tipologia semelhante,<sup>41</sup> o qual apresenta uma sepultura mais ou menos central (por vezes acompanhada por outra sepultura) dentro da área delimitada por um fosso, deduzindo-se uma contemporaneidade entre ambos, decorrente de um planeamento integrado da sua edificação, e constituindo-se no seu conjunto como um monumento funerário. Porém, no caso de Palhais as respostas a estas hipóteses são condicionadas pelo desconhecimento da planta completa do espaço que compõe o Recinto 1, aliada à inexistência de relações estratigráficas e à raridade de espólio claramente associado à sepultura e que limita ainda a sua integração cronológica.

#### 1.2.4. Sepultura 5?

Por último, no limite este da área escavada (Q. A1) foi identificada uma pequena depressão no substrato de base, que, tendo em conta os contornos existentes e a respectiva orientação, sugere a existência de uma quinta sepultura na necrópole de Palhais que se prolonga para lá da área escavada (Fig. 2). Não obstante, é possível que se trate de uma realidade próxima à evidenciada pela sepultura 2, onde, provavelmente, a sua constituição terá cortado quer parte do tramo oeste do Fosso do Recinto 1, quer a eventual porção do tramo este de um segundo fosso que a este se adossou.

<sup>41</sup> Arruda *et al.* neste volume; Bargão e Fernandes neste volume; Figueiredo e Mataloto neste volume; Salvador e Pereira 2012; neste volume.

O desconhecimento dos seus limites e a ausência de espólio na pequena área escavada impedem uma leitura mais rigorosa desta realidade, nomeadamente da sua relação física com o fosso e filiação cronológica.

#### 1.3. ESTRUTURA 3

A Estrutura 3 corresponde a uma cavidade escavada no substrato geológico, conservada apenas na sua base, a qual apresenta planta subrectangular com os cantos arredondados, um nicho lateral a norte e se encontra a 2,30 m da superfície actual do terreno (Fig. 13). Uma vez que o resto da estrutura foi destruída pela vala da obra, não é possível estabelecer relações estratigráficas com outras realidades arqueológicas nem fazer uma atribuição tipológica segura.

Este conjunto, apresentado de forma preliminar em 2009 e interpretado como fossa de incineração com nicho lateral, exposta como sepultura 3,<sup>42</sup> é agora dado a conhecer na sua totalidade, após a reunião e a análise de todos os recipientes cerâmicos recuperados nesta estrutura. Os mesmos encontravam-se, na sua maioria, bastante fragmentados, tendo sido submetidos a um processo de escavação do seu interior, incluindo o vaso *à chardon* identificado no nicho lateral (então considerado como urna cinerária) e a uma intervenção de consolidação e restauro nos laboratórios do Museu Monográfico de Conímbriga. Posteriormente, os mesmos foram relacionados com

<sup>42</sup> Santos *et al.* 2009.



*Fig. 13.— Estrutura 3.*

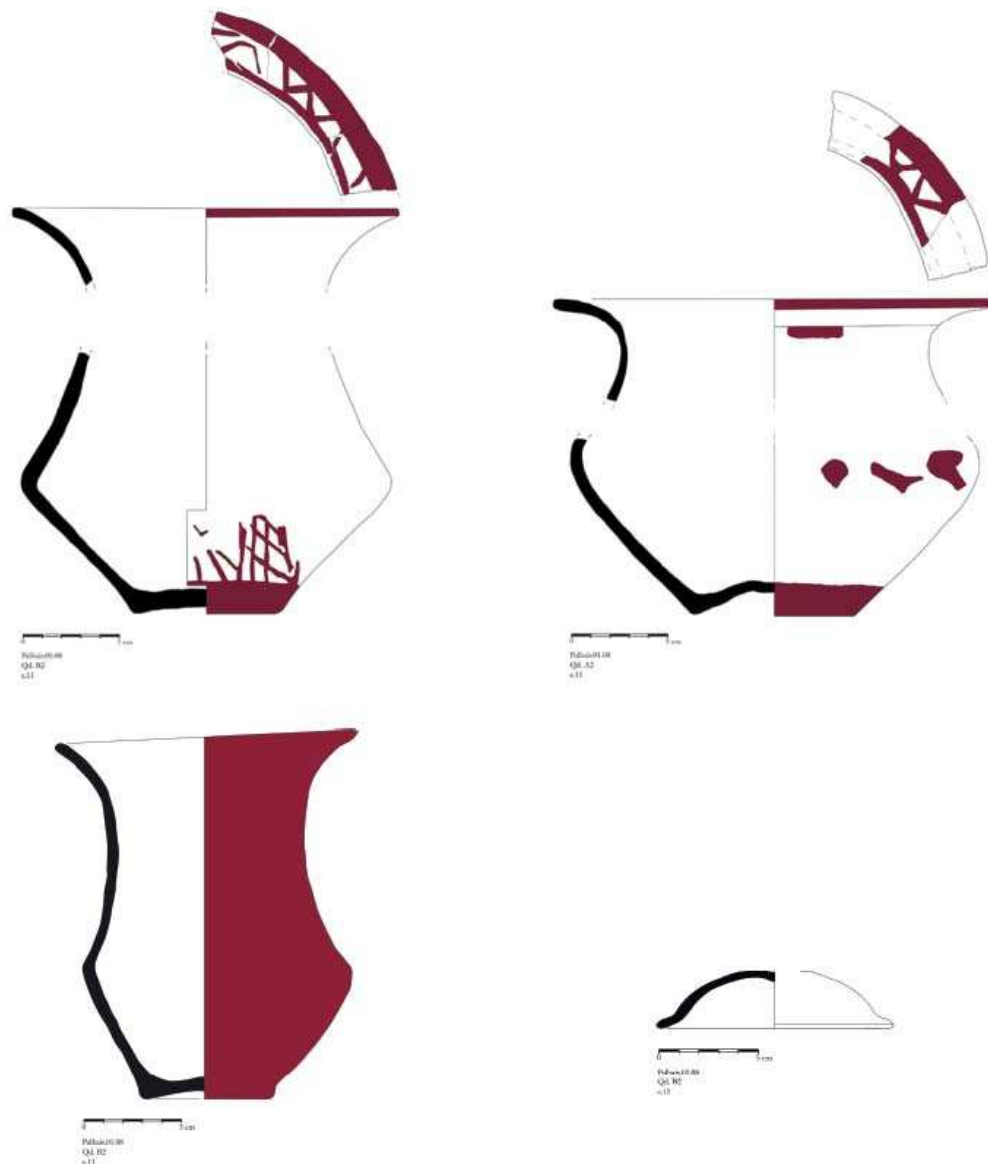


Fig. 14.— Conjunto artefactual da Estrutura 3: vasos pintados e tampa.

os restantes fragmentos recuperados nas limpezas do fundo da vala de obra e na crivagem das terras removidas mecanicamente.

Considerámos também então que a sua construção teria eventualmente decorrido numa fase anterior à das sepulturas de inumação identificadas e escavadas no local, devido à possível associação do unguentário recolhido nas terras do crivo (cuja cronologia seria mais antiga – último quartel do século VII-primeiro quartel do século VI a.C.)<sup>43</sup> a esta estrutura, já que parecia existir uma diferenciação entre o espólio aí recuperado e o das sepulturas de inumação, não se identificando na Estrutura 3 os objectos de uso pessoal presentes nas sepulturas de inumação, mas antes um conjunto de mobiliário exclusivamente cerâmico. A reanálise do conjunto

e as incertezas na contextualização de alguns dos materiais não permitem actualmente sustentar esta distinção (*v. infra*), não sendo de excluir a possibilidade de alguns materiais cerâmicos poderem estar eventualmente associados a algumas das sepulturas, como se constata em outras necrópoles da região, na Carlota<sup>44</sup> ou na Vinha das Calças 4.<sup>45</sup>

A identificação de alguns carvões no estrato que colmatava esta estrutura, e, particularmente, a presença do vaso *à chardon* (usual *urna* cinerária em contextos sidéricos dos séculos VIII e VII a.C.) e da respectiva tampa, conservados no nicho lateral tornava plausível a possibilidade de nos encontrarmos em presença de uma sepultura de incineração. Contudo, a intervenção em laboratório revelou que

<sup>43</sup> Santos *et al.* 2009.

<sup>44</sup> Salvador e Pereira 2012: 320 e 330, fig. 15.

<sup>45</sup> Arruda *et al.* neste volume.



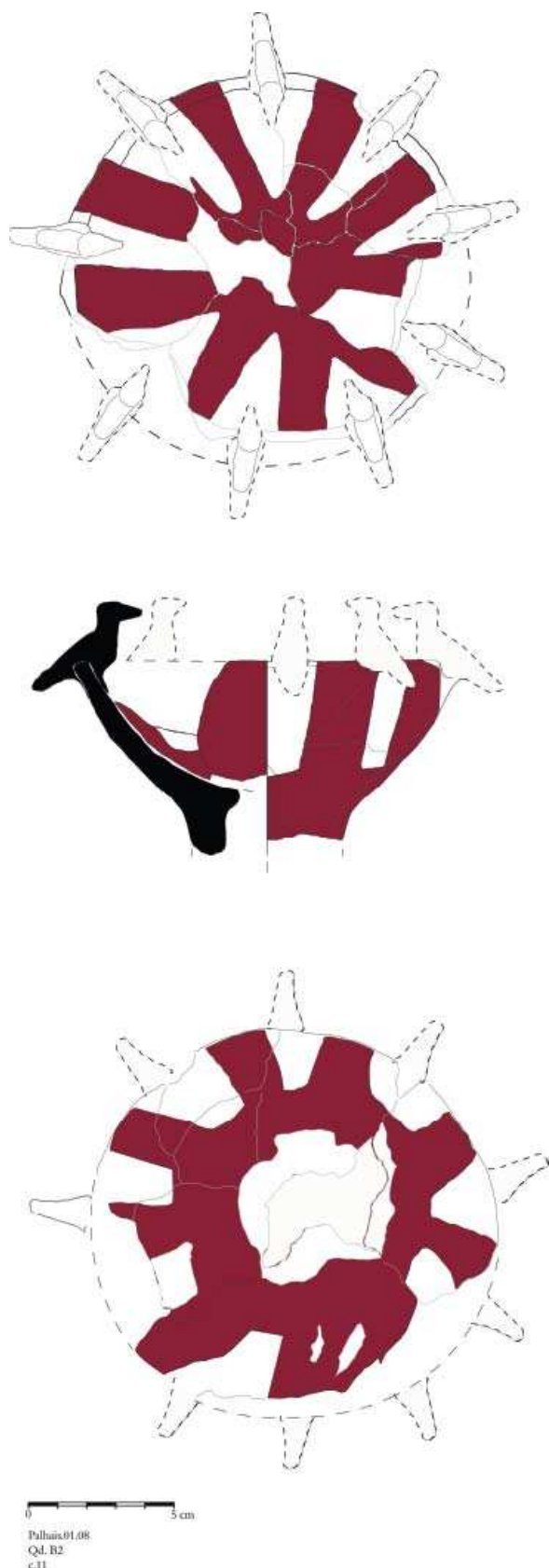


Fig. 15.— Vaso com decoração coroplástica da Estrutura 3.

o vaso à *chardon* não apresentava vestígios osteológicos ou de cinzas, devendo, como tal, relativizar-se essa hipótese. Da mesma forma, a escavação do interior das partes conservadas dos restantes vasos também não forneceu quaisquer indícios nesse sentido, não sendo actualmente possível, à luz dos dados disponíveis, sustentar a existência de uma sepultura de incineração na necrópole de Palhais, embora o ritual da incineração com deposição em urna, apesar de minoritário, possa não estar ausente das necrópoles de idêntica tipologia do território envolvente, nomeadamente na sepultura 14 da Carlota, onde um imbricado de pedras delimita uma urna Cruz del Negro, que contem restos carbonatados.<sup>46</sup> Forçosamente outras hipóteses para esta estrutura deverão ser postuladas, com base na análise detalhada do conjunto artefactual e do seu contexto.

Neste espaço foram identificados quatro recipientes de produção manual *in situ* (Fig. 14): o vaso à *chardon*, que apresenta pintura a vermelho no fundo e nas paredes externas e a respectiva tampa, ambos completos, depositados no nicho lateral; dois vasos de carena baixa, com pinturas a vermelho, também à *chardon*, depositados junto do limite este da estrutura e conservados pouco acima da base (parcialmente fracturados quando da abertura da vala que identificou a necrópole), aos quais deverão pertencer os fragmentos de dois bordos pintados recuperados na proximidade, e, por último, no canto sudoeste, um recipiente com pintura a vermelho coroadado com ornitomorfos (Fig. 15) com vestígios de macrorrestos carbonizados, ainda não analisados, igualmente afectado pela abertura da vala.

A posição vertical em que se encontravam os 3 vasos à *chardon*, a sua deposição no fundo da estrutura e o facto de todos os recipientes cerâmicos estarem embalados pela mesma unidade estratigráfica (camada 10), apontam para a intencionalidade das deposições neste espaço, que terão ocorrido, aparentemente, num único momento. A presença de fragmentos cerâmicos dos vasos pintados à *chardon*, com fracturas antigas, próximo das suas bases e embalados pela mesma camada, faz supor que o espaço pode não ter sido colmatado após a deposição dos recipientes e que, face à semelhança da camada 10 com o caliço, esta poder-se-á ter formado a partir da desagregação do substrato e/ou de abatimentos das paredes ou da cobertura da estrutura.

<sup>46</sup> Salvador e Pereira 2012: 321; neste volume.

No que respeita ao conjunto recuperado no nicho lateral, reiteramos as semelhanças morfológicas entre o vaso à *chardon* de Palhais, de carena baixa e acusada e o vaso torneado da sepultura 19 da necrópole de La Joya,<sup>47</sup> observando-se no exemplar de Palhais a presença integral de engobe vermelho conseguido mediante a utilização de pigmentos com recurso a óxidos de ferro sobre a superfície externa. Associado a este, encontrava-se um recipiente aberto de produção manual e sem decoração, de bordo esvasado, com um ligeiro ônfalo central, sugerindo tratar-se da tampa daquele recipiente, numa associação também ela frequente e bem documentada em ambientes funerários, destacando-se, a título de exemplo, a sepultura 33 da necrópole de La Cruz del Negro, onde um vaso à *chardon* com tampa surge associado a uma urna do tipo Cruz del Negro e a uma inumação infantil.<sup>48</sup> Manifestas são também as semelhanças deste exemplar com o recipiente/tampa torneado do espólio da sepultura de incineração n.º 2 de La Joya,<sup>49</sup> não deixando de ser igualmente interessante constatar a relativa identidade morfológica desta peça, embora não decorada, com os exemplares dos designados pratos *margarita* de Cancho Roano, particularmente o exemplar n.º 5, proveniente do nível II do compartimento O2,<sup>50</sup> consagrado, segundo os investigadores, a um contexto votivo, e com «La Mata», em contextos do século V a.C. (forma A.2).<sup>51</sup> Peças idênticas, manuais e lisas, surgem na fase IV do Castelo de Castro Marim, situada entre o início do século VI e a primeira metade da centúria seguinte.<sup>52</sup>

Do limite este da Estrutura 3 foram recuperados dois vasos à *chardon*, parcialmente conservados. O exemplar n.º 6 apresenta carena baixa e acusada, colo alto e bordo esvasado, por oposição ao n.º 5, de carena menos acentuada e colo mais baixo, aproximado a um perfil mais em S, igualmente de bordo aberto e esvasado. Ambos ostentam pintura a vermelho no fundo externo e em padrões lineares horizontais e reticulares sobre áreas localizadas da superfície externa e do interior do bordo, aplicados sobre uma “aguada” de cor branca, também registada na taça de fabrico manual com pé elevado, com o bordo coroadado por um conjunto de pequenos

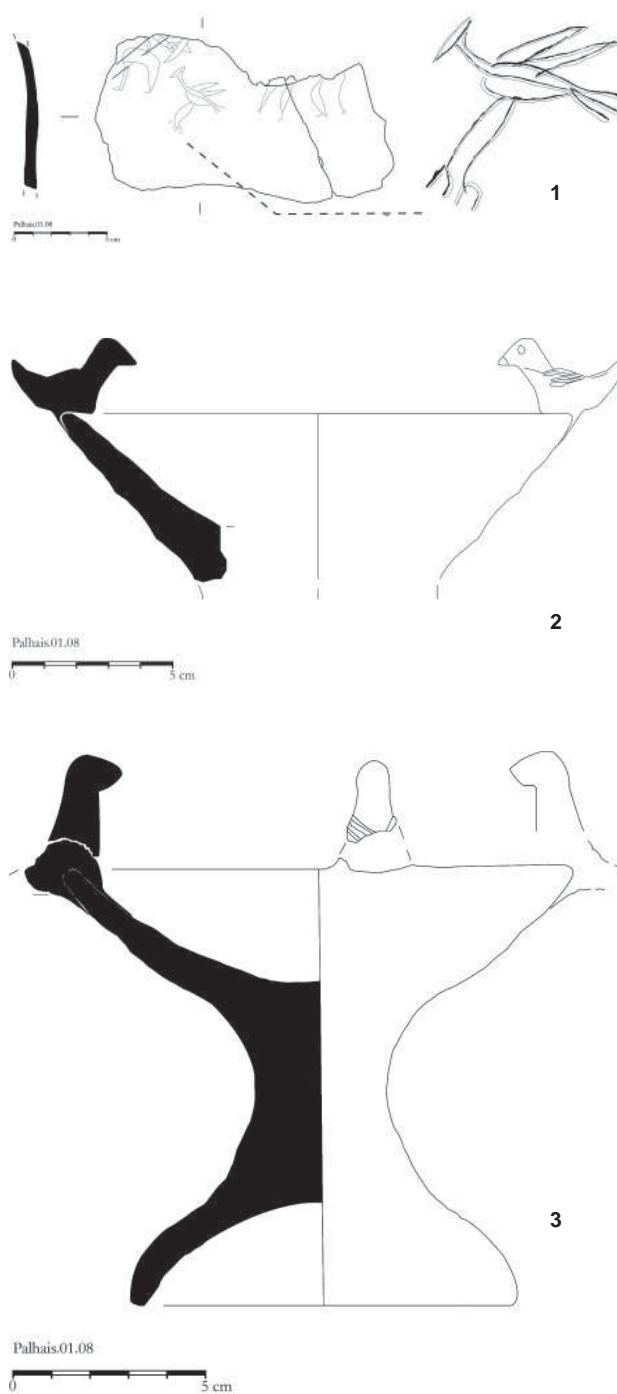


Fig. 10.— Conjunto artefactual proveniente de recolhas descontextualizadas. Cerâmicas manuais.

ornitomorfos, que conserva um padrão decorativo radial desenhado com pintura vermelha, já publicada em 2009, oriunda do limite sudoeste da Estrutura 3 (exemplar n.º 7). Na necrópole da Carlota, no segmento central do Recinto 1 do Monumento 1, também foi recolhido um vaso de pé elevado corado de ornitomorfos.<sup>53</sup>

<sup>47</sup> Garrido e Orta 1978: 164, fig. 103, n.º 1.

<sup>48</sup> Maier 1992: 105.

<sup>49</sup> Garrido 1970: 16, fig. 6, n.º 4; Torres 1999: 61.

<sup>50</sup> Celestino 1996: fig. 44, n.º 5.

<sup>51</sup> Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 219, fig. 80.

<sup>52</sup> Oliveira 2006: est. 36, n.º 2740, est. 41, n.º 3422, est. 61, n.º 3623 ou p. 96-97, est. 60, n.º 13530.

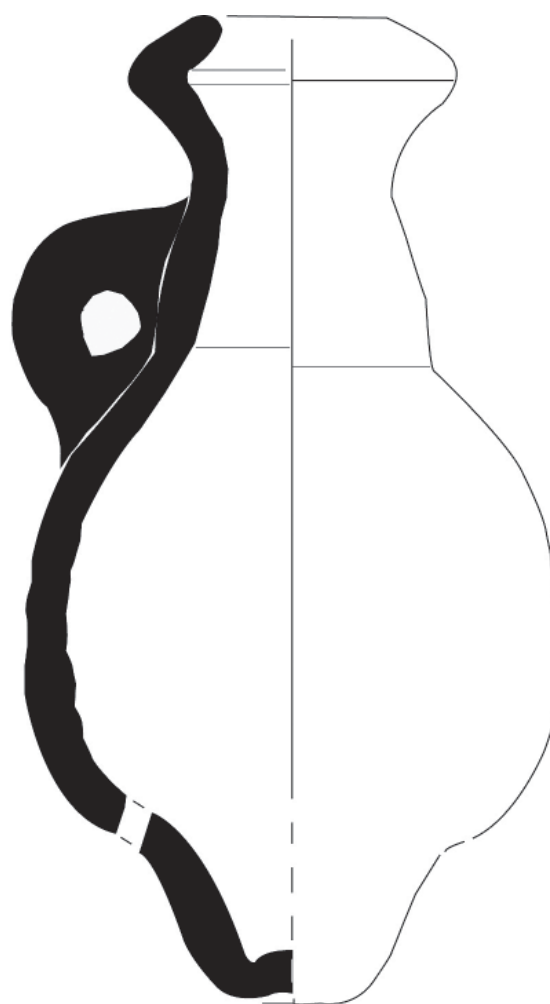
<sup>53</sup> Salvador e Pereira 2012: 329, fig. 12.

A presença de pintura é um elemento comum entre os conjuntos funerários de La Joya, que possuem decoração pintada em bandas horizontais de cor sépia,<sup>54</sup> ou de outras necrópoles da área gaditana, entre as quais Mesas de Asta, onde ocorre particularmente sobre recipientes de produção manual, seguindo padrões geométricos simples ou imitando os exemplares brunidos, por vezes no interior dos recipientes,<sup>55</sup> tal como constatado entre os exemplares de Palhais e de Medellín.<sup>56</sup> No entanto, não conhecem por um lado pintura vermelha sobre aguada esbranquiçada como destacamos no conjunto desta necrópole e, por outro, não lhes foram aplicados sobre o bordo elementos plásticos, ornitomorfos em particular, que, em conjunto com os demais exemplares cerâmicos recolhidos, parecem reportar a práticas culturais concretas subjacentes a uma crença/religiosidade bem definida.

Neste contexto, e na ausência de elementos que comprovem indubitavelmente o cariz funerário desta estrutura, o espólio aí encerrado assume particular relevância. Em primeiro lugar, pelo facto de ser composto por elementos cerâmicos, por oposição às sepulturas que compunham a área escavada da necrópole, onde primam objectos de cariz pessoal e onde aqueles parecem estar ausentes (ainda que a destruição das sepulturas condicione esta leitura), e, sobretudo, pela sua natureza, subjacente na presença dos recipientes *à chardon* que poderão, a título de hipótese, assumir uma funcionalidade votiva ou de cariz ritual, como recipientes de oferendas, conforme ocorre noutros sítios.<sup>57</sup> A realidade aludida está documentada em La Joya,<sup>58</sup> La Cruz del Negro,<sup>59</sup> Bencarrón<sup>60</sup> ou Medellín,<sup>61</sup> sendo frequentemente associados com espaços interpretados como culturais ou votivos a partir de finais do século VII e ao longo dos séculos VI e V.<sup>62</sup>

Quanto a outros conjuntos cerâmicos descritos em 2009 como provavelmente associados a este espaço e recolhidos nas terras resultantes da destruição do local, não foi possível efectuar a sua associação a esta estrutura com a devida segurança.

Referimo-nos em concreto a um fragmento de bojo com motivos zoomorfos inseridos por meio de incisões pré-cozedura (Fig. 16, n.º 1) e a outras duas taças de pé alto, de fabrico manual, sem vestígios de pintura e igualmente coroadas por aplicações plásticas que reproduzem pequenas aves, orientadas para o interior da peça (Fig. 16, n.º 2-3),<sup>63</sup> as quais poderiam, a título de hipótese, integrar o espólio desta estrutura, pela analogia simbólica, no caso do exemplar com decoração incisa e pela própria semelhança com a taça pintada coroadas com os ornitomorfos recuperada neste ambiente.



Palhais.01.08



Fig. 17. — Unguentário.

<sup>54</sup> Garrido 1970: 15.

<sup>55</sup> González Rodríguez *et al.* 1995: 219-220; Torres 1999: 66.

<sup>56</sup> Almagro-Gorbea 1977: 314, fig. 116; 2006: 128, fig. 163, n.º 6; Santos *et al.* 2009: 773.

<sup>57</sup> Torres 1999: 171-173.

<sup>58</sup> Garrido e Orta 1970; 1978.

<sup>59</sup> Maier 1992.

<sup>60</sup> *Ibidem.*

<sup>61</sup> Almagro-Gorbea 2006: 252, 288 e 291-292.

<sup>62</sup> Bandera *et al.* 1993: fig. 9, n.º 4; Celestino e Jiménez Ávila 1993: 196, n.º 2 e 4; Antunes 2005: 84, n.º 224.

<sup>63</sup> Santos *et al.* 2009.

A análise da morfologia e funcionalidade da Estrutura 3 e, sobretudo, da sua articulação com a necrópole de Palhais não é simples. Saliente-se ainda que, até à data, não temos conhecimento de em nenhuma das necrópoles sidéricas escavadas na região de Beja ter sido identificado um contexto semelhante. No entanto, se parece estar excluído o seu cariz funerário, cinerário em particular, já uma funcionalidade votiva ou cultural apresenta-se como uma possibilidade.

Ainda que desconheçamos a sua configuração arquitectónica completa, há duas hipóteses que se afiguram as mais plausíveis. Embora o seu carácter sepulcral tenha sido afastado pela inexistência de quaisquer restos humanos observados no conjunto cerâmico recuperado no seu interior ou na própria estrutura, a proximidade da mesma ao tramo oeste do Recinto 1, não permite excluir a hipótese colocada em 2009 de se tratar de um contexto relacionado com o recinto enquanto área ou “dromos” de acesso.<sup>64</sup> Outra hipótese é a de configurar um poço vertical, com 1,30 x 0,74 m e uma profundidade conservada de 2,30 m, na base do qual foi aberto um nicho lateral. Tanto no nicho referido, como na restante área da base da Estrutura 3 foram colocadas, sobre a rocha, deposições de recipientes cerâmicos (referidos *supra*), os quais revelam morfologias usualmente associadas a contextos votivos ou cultuais (embora também funerários, no caso das urnas à *chardon*, sobretudo em contextos baixo-andaluzes do século VIII a.C.,<sup>65</sup> mas também em contextos estremenhos até ao terceiro quartel do século VII a.C.<sup>66</sup>).

Importa, neste âmbito, referir enquanto possível paralelo arquitectónico as estruturas identificadas no Palácio da Galeria, em Tavira, que traduzem três poços verticais que dão acesso a câmaras, interligados entre si, interpretados como *bothroi* pertencentes a um santuário dedicado ao culto a Baal, mas cuja primeira função poderia ter sido funerária, tendo ocorrido a sacralização das sepulturas devido à importância dos indivíduos, que teriam sido mitificados. Os *bothroi* de Tavira estabeleceriam ainda, de acordo com os autores, o contacto com o mundo inferior, relacionando-se eventualmente com o mito de Baal, nomeadamente com a sua morte e descida ao mundo inferior.<sup>67</sup> Uma outra hipótese para estas estruturas, que se

enquadrarão na segunda metade do século VII a.C., é que se tratem de fossas fundacionais, apesar da sua quantidade.<sup>68</sup>

É certo que os possíveis *bothroi* de Tavira ocorrem num contexto muito específico e distinto do de Palhais (desde logo, urbano e litoral, aparentemente com presença efectiva de populações orientais),<sup>69</sup> mas é sugestiva, tanto a sua funcionalidade votiva, como a possível relação com um espaço funerário, como ainda a hipótese de constituírem fossas fundacionais.

Mencione-se também a designada sepultura 18 de incineração, de poço vertical e câmara da necrópole de La Joya,<sup>70</sup> cujo cariz funerário não se encontra na verdade demonstrado, podendo eventualmente constituir um contexto semelhante ao de Tavira e de Palhais.

Importa referir, neste ponto, que na fase V de Castro Marim, num espaço de matriz cultual, associado a um compartimento e a um *bothros* enquadrados no século V a.C., identificou-se uma pequena fossa coberta por lajes de xisto, possivelmente fundacional, cujo conteúdo era constituído exclusivamente por restos de aves.<sup>71</sup>

Com base no exposto, julgamos possível que a Estrutura 3 constitua um espaço destinado a deposições votivas cuja morfologia não podemos apreender na sua totalidade (*dromos?*, *bothros?* ou outra?), podendo ter sido um elemento fundacional (o que, a confirmar-se, lhe conferiria maior antiguidade no conjunto da necrópole) ou ter funcionado como estrutura simultânea ao Recinto 1 (formando parte de um monumento), ainda que não seja de descartar um papel mais alargado no cômputo geral da necrópole, cuja extensão desconhecemos. Poder-se-ia também equacionar a possibilidade de o cariz votivo ser em simultâneo cultual, homenageando o(s) antepassado(s) ali sepultados, embora nos movamos neste âmbito num plano meramente teórico.

É ainda relevante referir a presença de um unguentário (*ampola*) nos poços de Tavira, apesar de a restante cultura material ser reconhecidamente distinta da de Palhais (baseando-se em peças claramente exógenas e com uma maior diversidade morfológica, como o jarro de boca de “seta”, ânforas de tipo 10.1.2.1, pratos de engobe vermelho, *pitthoi* pintados com bandas policromas ou uma caixa de

<sup>64</sup> Santos *et al.* 2009.

<sup>65</sup> Torres 1999: 171-173.

<sup>66</sup> Almagro Gorbea 2006: 252, 288 e 291-292.

<sup>67</sup> Maia e Silva 2004: 186-192.

<sup>68</sup> Arruda *et al.* 2008: 147 e 149.

<sup>69</sup> Maia e Silva 2004; Arruda *et al.* 2008: 149.

<sup>70</sup> Garrido e Orta 1978: 124-125, fig. 76; Torres 1998: 142.

<sup>71</sup> Arruda e Celestino 2009.

marfim). Apesar de desconhecermos o contexto original do unguentário de Palhais (Fig. 17), este dado torna possível a sua presença nesta estrutura, hipótese que aliás já havíamos avançado em 2009, atendendo à aparente ausência de espólio cerâmico nas sepulturas de inumação. Por outro lado, não é também de excluir a hipótese de estar associado a uma das sepulturas, tendo em conta a identificação de um unguentário numa sepultura de inumação (sepultura 3) da necrópole da Carlota.<sup>72</sup>

## 2. DISCUSSÃO

Analisar Palhais, tanto na sua individualidade, como no seu enquadramento com as restantes necrópoles de idêntica tipologia identificadas nos últimos anos nas regiões de Beja (onde se assinala a maior concentração de achados) e do Pedrogão, constitui uma tarefa cautelosa e dificultada não só pela vasta e irreparável destruição provocada pela vala de obra, que afectou a maioria dos contextos arqueológicos e pela limitação da área escavada, desconhecendo-se a planta completa e a dimensão de parte das estruturas e da própria necrópole, como também pela escassez de dados publicados de outros sítios, que a edição destas actas permitirá ultrapassar.

Palhais foi a primeira necrópole a ser escavada e publicada, sendo então inexistentes dados comparativos concretos para a sua compreensão, tendo sido avançadas algumas hipóteses interpretativas<sup>73</sup> que hoje complementamos, matizamos ou revemos, com base na realidade expressa em outras necrópoles regionais de idêntica tipologia (publicadas) e no resultado de análises laboratoriais entretanto realizadas sobre parte do conjunto artefactual.

Um dos maiores problemas em Palhais é o facto de apenas se terem documentado estruturas negativas, escavadas na rocha (eventualmente por motivos de preservação, sendo o solo e o topo do substracto geológico brando afectado pelos trabalhos agrícolas realizados no local), o que condiciona a percepção da estratigrafia horizontal. Desse modo, a associação entre estruturas é necessariamente prudente e provisória.

A arquitetura parece ser marcada por recintos de grande dimensão (pelo menos um deles), delimitados por fossos escavados na rocha, de base aplanada e alçados direitos, de planta poligonal,

no interior dos quais se encontram outras estruturas negativas escavadas na rocha, admitindo-se que, no seu conjunto, formariam um monumento funerário (Fig. 18). É o caso do Recinto 1, que apresenta uma largura interna máxima de 7,20 m e cuja planta completa se desconhece, mas que se deduz, com base, entre outros, no exemplo da Carlota,<sup>74</sup> que poderia ter uma configuração quadrangular ou rectangular. No interior da área definida pela estrutura negativa (que tem uma profundidade máxima preservada de 1,30 m e uma largura média de 0,75 m), identificaram-se a sepultura de inumação 4 e a Estrutura 3, a qual não terá afinal uma função funerária, concretamente de incineração, conforme se tinha avançado em 2009, mas possivelmente ritual. Já o Recinto 2 revela-se apenas pelo troço ocidental do seu fosso, que eliminou a parede oeste do fosso do Recinto 1 com idêntica localização cardinal e cortou parte dos seus sedimentos, adossando-se-lhe. As sepulturas de Palhais correspondem a fossas de inumação simples, de planta rectangular e extremidades arredondadas.

Um modelo arquitectónico idêntico encontra-se na necrópole da Carlota (São Brissos, Beja), onde se identificaram cinco recintos, quatro deles agrupados em conjuntos de dois e o último apenas parcialmente preservado. Se no caso do Monumento 1, formado pelos recintos 1 e 2, terá ocorrido um adossamento da estrutura mais recente, no Monumento 2, constituído pelos recintos 3 e 4, os autores consideram a possibilidade de ser apenas um recinto com dois compartimentos, delimitados por um único segmento central,<sup>75</sup> o que indicia a existência de plantas tipificadas associadas a funcionalidades específicas (funerárias, em concreto).

Os fossos são, por excelência, o elemento diferenciador destas necrópoles da região de Beja e adquirem um papel relevante, que não se cinge à demarcação de um espaço, seja funerário, ou de outra natureza, se ponderarmos a sua associação à Estrutura 3 e uma função ritual (votiva ou cultural) para este contexto. A título de hipótese, poder-se-á também questionar a inumação de indivíduos no interior dos seus tramos, sem afectar as suas paredes (Recinto 1, sepultura 1) como não sendo casual, evidenciando eventualmente uma intenção de associação àquele espaço ou àquele monumento, enquanto solo sagrado, ancestral ou relacionado com um familiar. O mesmo fenómeno ocorre na Carlota,

<sup>72</sup> Salvador e Pereira 2012: 320 e 330, fig. 15.

<sup>73</sup> Santos *et al.* 2009.

<sup>74</sup> Salvador e Pereira 2012.

<sup>75</sup> *Ibidem.*



Fig. 18.— Situação dos achados mais relevantes na planta da necrópole.

onde foi escavada uma sepultura no segmento este do Recinto 2<sup>76</sup> e na Vinha das Calças 4.<sup>77</sup>

Poder-se-ia argumentar uma maior facilidade de abertura da sepultura em sedimento do que no geológico, mas seria pouco convincente, já que, por um lado, a rocha é branda (gabro-diorito) e o sedimento, argiloso, tende a compactar bastante e, por outro lado, os alçados da estrutura delimitadora são respeitados pela vala aberta para a sepultura. Acresce ainda, na relevância destas estruturas delimitadoras ou fossos, a presença de peças cerâmicas que configurarão deposições intencionais, de cariz ritual. É o caso dos três recipientes de Palhais, da taça com ornitomorfos depositada na base do segmento central do Recinto 1 da Carlota<sup>78</sup> e do touro de Cinco Reis 8.<sup>79</sup>

A taça com ornitomorfos da Carlota é particularmente significativa, já que constitui o único paralelo conhecido de momento para as peças idênticas de Palhais. O facto de se encontrar, na Carlota, deposta no interior do fosso, tal como ocorre com o touro em Cinco Reis 8, acentua o cariz ritual, tanto da Estrutura 3 de Palhais, como dos fossos dos recintos destas necrópoles.

As deposições nos recintos parecem traduzir diferentes concepções sobre os rituais e a espacialidade dos próprios monumentos, privilegiando os conjuntos cerâmicos como elementos integrantes de práticas rituais (cultuais ou votivas) e como testemunhos de uma liturgia funerária de cariz secundário, que poderá estar relacionada com mecanismos de retorno ao espaço sepulcral em momentos posteriores ao da morte, documentados aliás de forma generalizada em ambiente funerário na Idade do Ferro.<sup>80</sup>

Não obstante as diferenças arquitectónicas e, porventura, culturais e cronológicas, numa área mais meridional do Baixo Alentejo documentaram-se também sepulturas enquadradas em recintos delimitados por estruturas. Em algumas das raras necrópoles integralmente escavadas da região de Ourique, registou-se um murete, de planta ortogonal, com uma entrada marcada, a delimitar um recinto que integrava uma ou mais estruturas tumulares pétreas que cobriam sepulturas escavadas na rocha. Alguns autores designam estes conjuntos

por “monumentos rodeados por um *temenos*”,<sup>81</sup> registando-se em torno ao T.2. do Sector A da Chada, que constitui um monumento escalonado em três degraus<sup>82</sup> e às sepulturas 3, 5 e 6 (pelo menos) de Fonte Santa.<sup>83</sup> V.H. Correia inclui também Fernão Vaz e, com menos certeza, Pardieiro – T.10 – (Odemira), entre as necrópoles nas quais se assinalam os monumentos delimitados por *temenos*,<sup>84</sup> o que todavia não parece evidente nas plantas.<sup>85</sup> Na necrópole da Nora Velha (Ourique) registou-se também uma parte de um muro (estrutura 3),<sup>86</sup> que poderá eventualmente ter cumprido a mesma função, embora a confirmação desta hipótese esbarre na sua escassa preservação.

Neste âmbito, importa referir que a maioria das cerâmicas zoomorfas das necrópoles de Ourique se recolheu no interior dos recintos delimitados por muretes ou em áreas exteriores às estruturas tumulares e não no interior das sepulturas, embora não se possa afirmar com certeza que essa era a sua localização original, devido aos fenómenos pós-deposicionais que ocorreram nos sítios.

Em Fonte Santa (Ourique), foi recolhida uma cabeça de felino “*Près du sol primitif extérieure de la nécropole [...] dans le zone sud, délimitée par le mur qui entourait le tombeau 3 [...]*”,<sup>87</sup> tendo sido avançada a possibilidade de ser proveniente das estruturas tumulares 3, 2 ou 4a, dada a sua proximidade,<sup>88</sup> o que, a ser assim, implicava que lhes estava sobreposta, uma vez que aquelas se encontravam tapadas. Todavia, tanto os fenómenos pós-deposicionais que afectaram a necrópole (com destaque para a sua submersão sazonal pelas águas da barragem do Monte da Rocha entre as duas campanhas de escavação), como a recolha da peça após os trabalhos de escavação, durante a limpeza geral do sítio,<sup>89</sup> impedem-nos de saber com segurança se a sua localização original era no interior do recinto.

Também na necrópole de Fonte Santa e igualmente durante os trabalhos finais de limpeza, foi recolhido um prótomo de touro de cerâmica, muito fragmentado, na zona exterior da necrópole, “sobre o solo primitivo”, a norte do murete referido,

<sup>76</sup> Salvador e Pereira 2012.

<sup>77</sup> Arruda *et al.* neste volume.

<sup>78</sup> Salvador e Pereira 2012: 321 e 329, fig. 12.

<sup>79</sup> Salvador e Pereira neste volume.

<sup>80</sup> Santos *et al.* 2009.

<sup>81</sup> Beirão e Gomes 1992: 149; Correia 1993: 359.

<sup>82</sup> Beirão 1986: 83.

<sup>83</sup> *Ibidem*: 68 e 70.

<sup>84</sup> Correia 1993: 359.

<sup>85</sup> Beirão 1990: 110; Correia 1993: 371.

<sup>86</sup> Arnaud *et al.* 1994: 200 e 207.

<sup>87</sup> Beirão 1986: 74.

<sup>88</sup> Beirão e Gomes 1984: 432.

<sup>89</sup> Beirão 1986: 74-75.

próximo da sepultura 8, tendo sido apontada a possibilidade de proceder desta ou da sepultura a) da estrutura tumular 4,<sup>90</sup> o que carece de fundamento.

Na necrópole de Chada (Ourique), um fragmento que é interpretado como uma orelha de um animal (eventualmente um porco), ou como a parte inferior do pescoço de uma figura de bovino, foi recolhido “ao nível do solo primitivo” da necrópole, no interior do recinto que circunda o T.2. do Sector A.<sup>91</sup>

No que diz respeito à figura ornitomórfica da necrópole do Cerro do Ouro (Ourique), que representará um cisne, classificada como tampa, desconhece-se o seu contexto arqueológico específico. Esta necrópole é constituída por um núcleo tumular idêntico aos da região de Ourique e por enterramentos periféricos em urna, um dos quais revelou os restos de incineração de uma criança com espólio associado.<sup>92</sup> Uma vez que a peça ornitomórfica não terá sido associada à incineração, e considerando que a necrópole não foi aparentemente alvo de escavação, poder-se-á levantar a hipótese de pertencer ao conjunto de peças zoomorfas recolhidas no exterior das sepulturas, indiciando outros rituais que não os que se referem directamente à deposição de oferendas juntamente com os defuntos.

A função de oferendas culturais é também aplicada, a título de hipótese, a objectos depositados sobre os túmulos em outras necrópoles da região, como Mealha Nova, Pego ou Favela Nova.<sup>93</sup>

Desconhecemos o papel específico que as cerâmicas zoomorfas e outros artefactos encontrados no exterior das sepulturas das necrópoles de Ourique desempenhavam, podendo ter constituído deposições simultâneas ao momento da inumação ou oferendas posteriores. Importa aqui recordar que, em Palhais, para além das referidas deposições no interior da estrutura delimitadora ou Fosso do Recinto 1, poderão ter ocorrido rituais exteriores à inumação ou de retorno ao espaço funerário, denunciados pela taça (incensário?) recolhida na sepultura 4. Infelizmente, a violação da sepultura 4 e a sua destruição parcial em fase de obra impedem assumir de forma segura esta hipótese.

O mesmo tipo de rituais ocorreria também no norte alentejano, conforme documenta o possível

incensário da necrópole de Tera.<sup>94</sup> Neste âmbito, é pertinente referir a estrutura 4 da necrópole da Nora Velha (Ourique), constituída por pedras pontiagudas cravadas no substrato geológico xistoso, com uma disposição em concha que, segundo os responsáveis pela escavação, formariam uma base de sustentação para um recipiente aberto de tipo taça, tendo sido recolhidos do seu interior três fragmentos cerâmicos que poderão corresponder a essa morfologia ou a um prato,<sup>95</sup> o que remete para a possibilidade de ocorrência de rituais não funerários na área da necrópole.

Procurar equivalências rituais e arquitetónicas entre ambas as realidades funerárias do Baixo Alentejo, em particular com os magros dados disponíveis para cada uma delas e considerando o polimorfismo registado na arquitectura funerária, poderá constituir exercício falacioso. Limitamos por isso, a assinalar algumas semelhanças e diferenças arqueográficas. De qualquer modo, os muros da zona de Ourique e as estruturas negativas da região de Beja parecem traduzir uma lógica de organização do espaço funerário baseada na delimitação de recintos em torno de sepulturas escavadas na rocha e de rituais eventualmente associados (ainda que concretizados com determinadas especificidades – assumindo as estruturas delimitadoras ou fossos, *per se*, funções que não têm paralelo directo nos muretes mais meridionais), que poderá reflectir uma matriz global comum.

Devido à erosão provocada pelos trabalhos agrícolas, desconhecemos se existia um *tumulus* a cobrir o(s) recinto(s) de Palhais e/ou as estruturas que se localizam no seu interior, o qual, a existir, não teria a expressão pétrea das necrópoles mais a sul, pelo que este é um elemento construtivo sobre o qual não é possível estabelecer comparações.

Contrariamente ao que identificamos em Palhais, onde os fossos dos recintos são ocupados por sepulturas posteriores (2 e 5), nas necrópoles da região de Ourique não se regista a invasão do espaço funerário previamente delimitado, implementando-se, inversamente, um adossamento progressivo de estruturas tumulares, de modo gregário (que prolonga a tradição arquitectónica funerária da Idade do Bronze local), donde, desde logo, deriva uma diferença importante – existe uma continuidade na lógica de ocupação do espaço funerário na região de Ourique, ao passo que se manifesta uma ruptura em Palhais (e na região de Beja).

<sup>90</sup> Beirão e Gomes 1984: 432; Beirão 1986: 74 e 76-77.

<sup>91</sup> Beirão e Gomes 1984: 433; Beirão 1986: 84, 86, 98-100.

<sup>92</sup> Beirão e Gomes: 436 e 442.

<sup>93</sup> Dias e Coelho 1979; Vilhena 2007.

<sup>94</sup> Mataloto 2013: 92.

<sup>95</sup> Arnaud *et al.* 1994: 200 e 207.



Questiona-se o que estará subjacente a este fenómeno, podendo uma resposta incidir na visibilidade das estruturas, permitindo a construção pétreas das necrópoles de Ourique uma perpetuação dos sepulcros, os quais se viam mais rapidamente rasurados da paisagem em zonas onde a matéria-prima condicionava a marcação dos espaços individuais da morte com recursos menos duráveis.

Outra possibilidade a considerar é a da intencional usurpação do espaço funerário em Palhais, o que implicaria que os recintos se mantivessem visíveis quando das inumações posteriores (sendo que desconhecemos em concreto o período de tempo que separa ambas as realidades, embora se admita, neste caso, que seria relativamente curto). Um argumento a favor desta última hipótese é a exacta coincidência da sepultura 1 com um dos tramos do fosso do Recinto 1, que, segundo esta conjectura, se constituía ainda um marcador visível no espaço e que permite também equacionar uma eventual intencionalidade de associação àquele recinto ou, pelo menos, àquela estrutura delimitadora.

De qualquer modo, desconhecendo-se por ora o tempo curto que separa a sepultura 1 e a sepultura 2 de Palhais, não podemos eliminar a possibilidade de parte das estruturas primitivas da necrópole se encontrarem, nessa fase, já desaparecidas, resultando, nesse caso, a localização da sepultura 2 como meramente casual.

Uma das distinções mais relevantes nas necrópoles das duas regiões do Baixo Alentejo assinala-se no plano do ritual funerário, parecendo existir uma tendência (ou uma exclusividade) para a inumação na região de Beja (sendo que a aparente excepção da sepultura 14, de incineração, da necrópole da Carlota, necessita da devida caracterização e confirmação dos restos humanos cremados) e para a incineração nas áreas de Ourique, Odemira, Almodôvar e Aljustrel (apesar dos constrangimentos interpretativos já assinalados sobre a conservação e preservação dos cadáveres<sup>96</sup>), traduzida usualmente em cremação secundária, depositada em cavidades, por vezes com urna cerâmica.<sup>97</sup> Esta tendência encontra eco nas próprias tradições funerárias regionais desde a Idade do Bronze.

Em publicação anterior, interpretámos a Estrutura 3 de Palhais como uma sepultura de incineração, em virtude da presença de um vaso à *chardon*,

com tampa, no interior de um nicho lateral localizado na base deste contexto.<sup>98</sup> Esta leitura encontrava-se em parte suportada na morfologia da estrutura, que poderia traduzir uma sepultura em poço com nicho lateral, bem como no facto de os vasos à *chardon* serem frequentes em contextos funerários na Andaluzia Ocidental, onde desde o século VIII foram usados como urnas cinerárias, no túmulo I da necrópole de Las Cumbres, em Cádiz,<sup>99</sup> nos túmulos A e B de Setefilla<sup>100</sup> ou na necrópole da Cruz del Negro, em Sevilha.<sup>101</sup>

A associação, no interior da Estrutura 3, sobre a rocha, das deposições (*in situ*) do vaso pintado coroadado de ornitomorfos com macrorestos carbonizados (limite sudoeste) e dos três vasos à *chardon*, um liso, com tampa, inserido no nicho lateral (já referido) e os outros dois, pintados, implantados no limite este, cujo conteúdo se encontrava desprovido de vestígios osteológicos ou cinerários, conduz a considerar, com elevada probabilidade, uma funcionalidade ritual (possivelmente votiva ou cultural) para esta estrutura, revendo-se assim a anterior interpretação como sepultura de incineração, formulada antes da escavação dos recipientes em laboratório.

Acresce que, na transição entre os séculos VIII e VII as urnas Cruz del Negro substituíram os vasos à *chardon* como urnas cinerárias, passando estes a assumir uma funcionalidade como recipientes de oferendas,<sup>102</sup> conforme foi documentado em La Joya,<sup>103</sup> em Cruz del Negro<sup>104</sup> ou em Bencarrón.<sup>105</sup> Na Extremadura espanhola, na necrópole de Medellín, até ao terceiro quartel do século VII, surgem tanto enquanto urnas (incineração 86G/29E), como comportando oferendas (incinerações 86D/4 e 86G/29A).<sup>106</sup> No Baixo Alentejo, o vaso à *chardon* do “túmulo” II da necrópole da Herdade do Pego, em Ourique<sup>107</sup> poderá também ter constituído uma oferenda, ainda que a sua descontextualização, motivada pela destruição desta sepultura, impeça uma análise rigorosa. Simultaneamente, os vasos à *chardon* surgem em espaços interpretados como culturais ou votivos, como por exemplo o edifício D de Mon-

<sup>98</sup> Santos *et al.* 2009.

<sup>99</sup> Ruiz Mata e Pérez Pérez 1989: 291.

<sup>100</sup> Aubet 1975: 84-86.

<sup>101</sup> Maier 1992: 108-109.

<sup>102</sup> Torres 1999: 171-173.

<sup>103</sup> Garrido 1970; Garrido e Orta 1978.

<sup>104</sup> Maier 1992.

<sup>105</sup> Maier 1996.

<sup>106</sup> Almagro-Gorbea 2006: 252, 288 e 291-292.

<sup>107</sup> Dias *et al.* 1970: 205.

<sup>96</sup> Arruda 2001; Jiménez Ávila 2001; Vilhena 2007.

<sup>97</sup> Jiménez Ávila 2002-03: 42. A recente escavação na necrópole de incineração da Abóbada (Almodôvar) confirma esta tendência: Barros *et al.* 2013.

temolín, datado do século VII,<sup>108</sup> fenómeno que se prolongou pelo Pós-Orientalizante, como evidenciam Cancho Roano<sup>109</sup> ou a Azougada.<sup>110</sup>

A morfologia das taças de pé elevado coroadas de ornitomorfos, de que temos um exemplar *in situ* na Estrutura 3 e dois descontextualizados, recolhidos nas terras removidas pela vala de obra, deve ser realçada, na medida em que, com alguma probabilidade, no caso do exemplar da Estrutura 3, poderiam constituir suportes, queimadores (*quemaperfumes*) onde se vertiam ritualmente perfumes (cuja presença se documenta pelo unguentário-*ampola*) ou *thymiatheria*, dos quais exalava o fogo cerimonial purificador. Talvez os carvões que integravam o depósito que colmatava a Estrutura 3 – e acima de tudo os que se encontravam directamente associados à taça de pé alto com ornitomorfos – sejam vestígios dessa combustão ritual. O uso ritual de perfumes (de origem fenícia) é frequente nas necrópoles orientalizantes tartéssicas, onde se encontraram *alabastra*, *ampolas* e *aryballoi*.<sup>111</sup> Os *thymiatheria* são elementos sacros que integram habitualmente os conjuntos funerários, tanto dos contextos fenícios de época arcaica, nos séculos VIII-VII a.C.,<sup>112</sup> como dos tartéssicos ou orientalizantes, desaparecendo a partir de meados do século VI.<sup>113</sup> De qualquer modo, constata-se também que recipientes de pé elevado fazem parte do repertório artefactual funerário regional desde a Idade do Bronze.<sup>114</sup>

Importa referir, neste ponto, o designado “túmulo” II da necrópole da Herdade do Pego (Ourique), cuja semelhança com a Estrutura 3 de Palhais, do ponto de vista artefactual, não pode ser negligenciada. Destaca-se, por um lado, para além de duas taças carenadas com *omphalos* e de um vaso com uma fiada de digitações no ombro (idêntico a um exemplar recolhido, tal como o vaso coroadado de ornitomorfos, no interior do segmento central do Recinto 1 da Carlota<sup>115</sup> e na Nora Velha<sup>116</sup>), a associação neste contexto de um vaso à *chardon* e de uma taça de pé elevado (suporte), todos manuais e, por outro, a ausência de objectos de uso pessoal (presentes em outras sepulturas escavadas da

mesma necrópole, umas vezes de forma exclusiva, outras vezes associados a recipientes cerâmicos). Infelizmente, um dos topos desta estrutura foi destruído pela lavra e estas peças terão sido recolhidas à superfície no “túmulo” II,<sup>117</sup> o que impede saber se estamos efetivamente perante o conjunto total de artefactos e conhecer de modo mais preciso o seu contexto original. Não obstante, existem evidentes semelhanças com a Estrutura 3 de Palhais, podendo questionar-se se o designado “túmulo” II da Herdade do Pego teria mesmo uma função funerária ou assumiria antes um papel ritual nesta necrópole.

Refira-se ainda que o espólio funerário do “túmulo” II da Herdade do Pego indicia uma cronologia que poderia pertencer a momentos mais antigos (século VI a.C.) no quadro das necrópoles de Ourique, como já foi salientado por alguns autores,<sup>118</sup> não fora a própria configuração arquitectónica da sepultura onde se incluía.

Definir a cronologia da necrópole de Palhais constitui um dos maiores desafios na sua análise, na ausência de datações absolutas e perante artefactos com intervalos de produção e de circulação latos e pouco sistematizados regionalmente, sendo aqui revistos alguns enquadramentos cronológicos propostos em 2009. A construção do Recinto 1 e a colmatação da sua estrutura delimitadora terão ocorrido entre a segunda metade do século VI e o início do século V a.C., atendendo aos recipientes cerâmicos aí depositados. O Recinto 2 poderá enquadrar-se neste segmento temporal, embora seja posterior ao Recinto 1 e anterior à sepultura 2, que o corta. Admite-se que nesta cronologia lata se integre também a sepultura 4, localizada no interior do Recinto 1, já que a escassa cultura material recolhida e a ausência de paralelos para a mesma impede uma aferição mais concreta. Desconhecemos se a Estrutura 3 (localizada no interior do Recinto 1) foi implantada em simultâneo à sua construção ou posteriormente, bem como a relação cronológica com a sepultura 4. Atendendo ao conjunto artefactual cerâmico que lhe está associado e à cronologia dos restantes contextos de Palhais, admite-se uma integração lata na segunda metade do século VI a.C., podendo eventualmente alcançar o início da centúria seguinte. A sepultura 1 é posterior à selagem da estrutura delimitadora do Recinto 1, no qual se insere, podendo integrar-se entre meados de 500 e de 400, considerando sobretudo a crono-

<sup>108</sup> Bandera *et al.* 1993: fig. 9, n.º 4.

<sup>109</sup> Celestino e Jiménez Ávila 1993: 196, n.º 2 e 4.

<sup>110</sup> Antunes 2005: 84, n.º 224.

<sup>111</sup> Torres 2008: 986-987.

<sup>112</sup> Ruiz de Arbuló 1996: 179.

<sup>113</sup> Jiménez Ávila 2002: 206 e 383.

<sup>114</sup> Vide *e.g.* Alves *et al.* 2010.

<sup>115</sup> Salvador e Pereira 2012: 329, fig. 11.

<sup>116</sup> Arnaud *et al.* 1994.

<sup>117</sup> Dias *et al.* 1970: 185-186 e 204-206.

<sup>118</sup> Jiménez Ávila 2002-03: 93.

logia da fíbula de tipo Alcores. A sepultura 2 corta os recintos 1 e 2, sendo provavelmente posterior à sepultura 1 e, considerando particularmente o fecho de cinturão de dois garfos, poderá integrar-se entre o último quartel do século VI e meados do século V. Teríamos assim, de um modo lato, uma cronologia entre meados do século VI e meados da centúria seguinte para a necrópole. O unguentário (descontextualizado) parece ter uma cronologia mais antiga, que aparentemente não ultrapassa o fim do primeiro quartel do século VI a.C. em áreas litorais peninsulares. Em face dos restantes contextos de Palhais, teremos de admitir no entanto uma cronologia mais recente para esta peça, porventura já integrada a partir de meados da centúria.

Na área escavada, em Palhais, as aves são o tema exclusivo, surgindo, em cerâmica, tanto sob a forma de coroplastia, em três vasos, como de modo inciso, num fragmento de bojo descontextualizado. A ave, relacionada na mitologia tartéssica com Astart (sobretudo os anátidas e as pombas),<sup>119</sup> assumiria um papel importante no ritual de passagem para o mundo dos mortos, uma vez que representaria o espírito do defunto.<sup>120</sup> Para além da presença já referida nas necrópoles de Ourique e de Aljustrel, a temática das aves é também recorrente na área localizada entre o Tinto-Odiel e a bacia do Guadalquivir, em particular no território circundante de Sevilha, aplicada à cerâmica pintada de tipo Carambolo, sendo interpretadas as representações como precisões ou cortejos de aves.<sup>121</sup> Na designada periferia tartéssica, surgem representações de aves, ainda que de forma menos expressiva, na Extremadura espanhola, onde, na necrópole de Medellin, uma taça de cerâmica cinzenta datada do último quartel do século VII, ostentava no interior duas corujas ou uma coruja e um mocho gravados de forma livre,<sup>122</sup> como no fragmento de bojo de Palhais.

Na margem esquerda do Baixo Alentejo, a temática das aves parece documentar-se desde o Bronze Final, se aceitarmos ser essa a representação a que corresponde o motivo zoomorfo de um fragmento de ornatos brunidos recolhido em Santa Margarida (Serpa).<sup>123</sup>

No Baixo Alentejo, outros animais com alguma expressão no registo funerário são o touro, presen-

te nas necrópoles de Cinco Reis 8 (Beja)<sup>124</sup> e de Fonte Santa (Ourique),<sup>125</sup> que constitui o animal mais representado na iconografia tartéssica, devido à importância mitológica que tem, pertencendo à divindade (Melqart e Astart), que o teria dado ao Homem<sup>126</sup> e o felídeo, presente na necrópole de Fonte Santa (Ourique).<sup>127</sup> No Alentejo, o touro está também representado em peças de cunho ritual, como o *thymiaterion* de bronze de Safara (Moura),<sup>128</sup> a figura de bronze de Mourão,<sup>129</sup> a matriz de bronze da Azougada (Moura)<sup>130</sup> e o larnax de argila de Neves I (Castro Verde), cuja tampa representará uma pele de boi estendida.<sup>131</sup> O felino está presente em Alcácer do Sal, na Rua do Rato, num contexto datável de finais do século VI e inícios do século V<sup>132</sup> e na Azougada, onde poderia integrar-se num móvel de luxo.<sup>133</sup> Na mitologia mediterrânica, o leão simbolizava Astart, a deusa da vida e, em contexto funerário, talvez evoque o triunfo da vida sobre a morte, a ressurreição.<sup>134</sup>

Existe uma simbologia e uma mitologia comuns a estas comunidades, de cariz mediterrânico, na qual as aves, os touros e os felídeos, entre outros, assumem um papel central. Desconhecemos se as variações do contexto destas peças reflectem localismos culturais, diferenciações ao nível dos rituais praticados ou distintas cronologias. Enquanto recipientes/objectos-mensagem, carregados de significado, os ornitomorfos e o bovídeo de Beja e os felídeos e bovídeos de Ourique parecem traduzir um discurso ideológico semelhante, materializado numa mesma concepção de práticas funerárias ou, como foi defendido por alguns autores, numa lógica de exornação das sepulturas.<sup>135</sup>

É também interessante constatar que existe aparentemente uma produção específica, manual, por vezes tosca, por vezes cuidada, e, em alguns casos, com acentuado realismo, de peças importantes nos rituais funerários, de acusado cariz simbólico e eventualmente litúrgico (na qual se incluem os vasos à *chardon* de Palhais, os vasos coroados de orni-

<sup>119</sup> Almagro-Gorbea 2008: 999.

<sup>120</sup> Fantar 1970.

<sup>121</sup> Buero 1984: 357; Casado 2001: 286.

<sup>122</sup> Almagro-Gorbea 2007: 324, fig. 13, n.º 1.

<sup>123</sup> Soares *et al.* 2009: 449-450; Deus *et al.* 2012: 185-186.

<sup>124</sup> Salvador e Pereira neste volume.

<sup>125</sup> Beirão e Gomes 1984: 432; Beirão 1986: 74 e 76-77.

<sup>126</sup> Almagro-Gorbea 2008: 998.

<sup>127</sup> Beirão e Gomes 1984; Beirão 1986: 74.

<sup>128</sup> Vasconcelos 1924: 34-35; Silva e Gomes 1992: 263-D.

<sup>129</sup> Correia 1986; Silva e Gomes 1992: 263-E; Gomes 1997.

<sup>130</sup> Gomes 2001: 108 e 110, fig. 3-C; Antunes 2009.

<sup>131</sup> Arruda 2001 279-282.

<sup>132</sup> Gomes 2012.

<sup>133</sup> Gomes 1983: 220; Jiménez Ávila 2002: 260; Antunes 2009.

<sup>134</sup> Almagro-Gorbea 2008: 998.

<sup>135</sup> Jiménez Ávila 2001: 119.

tomorfos de Palhais e da Carlota e o touro de Cinco Reis 8, mas também os objetos zoomórficos das necrópoles da região de Ourique já referidos). O seu fabrico tosco dever-se-á possivelmente ao facto de terem uma “vida” limitada, sendo usadas uma única vez, e cessando a sua função com o acto a que se destinam, ao serem elas próprias “sepultadas”.

Apesar de não dispormos de nenhuma sepultura ou estrutura completa e de se colocar a possibilidade de algum do espólio associado ter sido removido pela abertura da vala de obra, não podemos deixar de assinalar a diferença que se documenta no conjunto artefactual recolhido nas sepulturas de inumação e na Estrutura 3, por ser sistemática. Enquanto nas inumações não se registaram (ou preservaram?) peças atribuíveis a oferendas (nomeadamente recipientes cerâmicos), sendo os indivíduos sepultados com objectos pessoais (elementos de adorno variados configurando colares, peças complementares de vestuário, como fíbulas e fechos de cinturão, conjuntos de toucador e armas), na Estrutura 3 esses estão ausentes, marcando antes presença exclusivamente um reportório cerâmico, aparentemente ritual, que traduziria formas de consagração simbólica através de recipientes-mensagem, testemunhando um contexto cultural muito preciso de crenças e rituais globalmente assimilados.

Reconhecemos, uma vez mais, que esta leitura não pode ser atendida de forma linear, até porque desconhecemos a proveniência das peças de cerâmica recolhidas nas terras deixadas pela abertura da vala de obra e porque, até à data, aparentemente, não existem dados nas restantes necrópoles escavadas que comprovem esta dicotomia. Pelo contrário, registam-se oferendas cerâmicas em sepulturas de outras necrópoles da região de idêntica tipologia e, aparentemente, cronologia lata. Trata-se, para além disso, de uma tendência inversa à realidade funerária do Bronze do Sudoeste, em que, por exemplo, às inumações em fossa do Bronze Pleno e do Bronze Final do Monte da Cabida 3<sup>136</sup> e às inumações em hipogeu do Bronze Pleno da Torre Velha 3<sup>137</sup> se associavam oferendas.

Ainda assim, a semelhança de algumas das peças cerâmicas descontextualizadas, nomeadamente os dois vasos coroados de ornitomorfos, com o da Estrutura 3, torna tentadora (e, atrever-nos-íamos a afirmar, plausível) a possibilidade de serem daí originários, sobretudo se pensarmos que a cada vaso

à *chardon* poderia associar-se um vaso coroados de ornitomorfos, funcionando assim em três conjuntos rituais coerentes. Da mesma forma, ainda que o unguentário pertencesse a alguma das inumações, como acontece na Carlota, onde um unguentário de cerâmica constituía o único espólio da sepultura 3,<sup>138</sup> não deixaria de constituir, em virtude do seu conteúdo, um objecto de uso pessoal. De qualquer modo, seria igualmente coerente a presença do unguentário na Estrutura 3, no âmbito de um eventual uso ritualizado de perfume, em associação à taça coroados de ornitomorfos (possível queimador).

Reiterando os constrangimentos anteriormente expressados, poder-se-á questionar, a título de hipótese se, ao contrário do observado em algumas das necrópoles da área tartéssica e da Estremadura espanhola, onde se assiste a uma convivência entre espólios de cariz pessoal e espólios de cariz ritual ou votivo, na necrópole de Palhais esta distinção possa estar subjacente na própria concepção das áreas funerárias, eventualmente consagrando espaços comuns para práticas de cariz ritual (como os próprios fossos ou a Estrutura 3) e as sepulturas como espaços de cunho individual.

A presença hegemónica de objectos de uso pessoal enquanto espólio funerário assinala-se também, na região de Beja, na necrópole da Herdade das Carretas (Quintos)<sup>139</sup> e na realidade funerária mais meridional do Baixo Alentejo, concentrada sobretudo na zona de Ourique. São minoritários os testemunhos de deposições cerâmicas no interior das sepulturas, ainda que haja que sublinhar também aqui algumas condicionantes de leitura, uma vez que, embora sejam dezenas as necrópoles identificadas, muito poucas foram escavadas e menos ainda o foram na íntegra. Não obstante, mais uma vez, nas sepulturas escavadas, a raridade de oferendas e o predomínio (e mesmo a exclusividade) de pertences pessoais constatou-se de forma sistemática.

No interior da sepultura pertencente ao T.2 do Sector B da necrópole da Chada foram recolhidas, *in situ* (no fundo, na zona central, a 10 cm uma da outra), segundo o responsável da escavação, duas pequenas esculturas de aves (pombas), associadas a uma taça de engobe vermelho e duas grandes contas de colar oculadas de pasta vítrea, pretas e brancas.<sup>140</sup> Também na necrópole de cistas de Corte Margarida (Aljustrel), enquadrada no século VI

<sup>136</sup> Antunes *et al.* 2012: 282-283.

<sup>137</sup> Alves *et al.* 2010.

<sup>138</sup> Salvador e Pereira 2012: 320 e 330, fig. 15.

<sup>139</sup> Viana 1945.

<sup>140</sup> Beirão e Gomes 1984: 433; Beirão 1986: 84, 86 e 98-100.

a.C., para além de objectos de adorno (48 contas de colar de pasta vítrea, um escaravelho, um dente de animal marinho e um fragmento de aro possivelmente de prata), se depositaram dois patos de cerâmica na sepultura 2.<sup>141</sup>

No que respeita aos objectos de uso pessoal, regista-se uma panóplia de artefactos de origem exógena (importados ou reproduzidos localmente) que se encontra também presente em Palhais (contas de vidro oculadas, de pasta branca – possivelmente faiança –, fíbulas de bronze, um fecho de cinturão de bronze, escaravelhos, armas – facas afalcatadas, elementos de lança) e em outras necrópoles da região de Beja. A mesma panóplia artefactual individual está presente também, por exemplo, nas necrópoles do Alentejo litoral, como a do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) e a sepultura do Gaio (Sines), nas necrópoles algarvias, como as da Fonte Velha de Bensafirim (Lagos), de Cômoros de Portela (São Bartolomeu de Messines), de Père Jacques (Aljezur)<sup>142</sup> e dos Gregórios (Silves)<sup>143</sup> e, de um modo geral nas necrópoles da área dita tartéssica, o que demonstra a abrangência de uma matriz cultural global (sem prejuízo dos localismos existentes) e o alcance das rotas comerciais nestes territórios.

É de realçar que, alguns dos objectos de Palhais, mais do que documentar os contactos com as áreas de influência orientalizante, podem constituir reproduções locais de protótipos importados. É o caso das peças metálicas, cuja liga revela uma composição análoga à da metalurgia regional coeva, constituindo o testemunho mais antigo da presença da metalurgia orientalizante do bronze no interior do sul de Portugal.<sup>144</sup>

Estão ausentes, no entanto, nas necrópoles meridionais do Baixo Alentejo, os conjuntos de tocador, que até à data, apenas se conhecem na região de Beja, em Palhais e na Vinha das Caliças 4.<sup>145</sup> Registe-se ainda que a ocorrência de outros objectos metálicos, em particular as fíbulas, além de limitada às necrópoles da Chada, Fonte Santa e Pego, corresponde, no único caso em que é passível a atribuição de um tipo (Chada, sector A, sepultura 2), a uma fíbula anelar hispânica, frequente em contextos do século V a.C., por oposição às fíbu-

las de dupla mola, de tipo Alcores (Palhais) e de tipo Bencarrón (necrópole da Herdade das Carretas – Quintos)<sup>146</sup> identificadas na região de Beja, com cronologias iniciadas na centúria anterior ou mesmo em 600.<sup>147</sup> Ainda no apartado dos objectos em bronze, fechos de cinturão como os de Palhais ou da necrópole da Vinha das Caliças,<sup>148</sup> estão praticamente ausentes da região de Ourique, com excepção do exemplar de dois garfos da sepultura III da necrópole do Pego<sup>149</sup> e são também desconhecidos “braseiros”, testemunhados na região de Beja pelas asas da necrópole da Fareleira 2,<sup>150</sup> os quais refletirão de modo mais vincado a adopção de rituais funerários de cariz orientalizante. São também exclusivos aqui os unguentários de Palhais e da sepultura 3 da Carlota<sup>151</sup> e as contas oculadas com incrustações esféricas da Vinha das Caliças 4,<sup>152</sup> relativamente raras no panorama peninsular.<sup>153</sup>

Um dos aspectos realçados por outros investigadores a propósito dos conjuntos artefactuais funerários da região de Ourique é uma certa pobreza, tanto em termos de variabilidade como de qualidade, quando comparados com os espólios que se conhecem das necrópoles do restante Sudoeste, como La Joya, Setefilla, Acebuchal, Medellín, ou mesmo Alcácer do Sal ou Gaio, entre outras,<sup>154</sup> que não pode continuar a ser explicada como resultado da fraca conservação dos vestígios e/ou da violação e profanação das mesmas,<sup>155</sup> mas que deverá relacionar-se com uma efectiva escassez de mobiliário associado a algumas sepulturas destas necrópoles.<sup>156</sup>

Para concluir, podemos afirmar que Palhais demonstra um tipo de arquitectura funerária baseada em monumentos formados por recintos, eventualmente destinada aos indivíduos que se destacavam na sociedade, e uma ritualidade bem definida e assimilada pelas comunidades que habitaram a região de Beja aparentemente desde meados do século VI a.C. (pelo menos) e que se poderá ter prolongado até ao início do século V, testemunhando um sistema social que terá sofrido alterações a partir desta

<sup>141</sup> Deus e Correia 2005.

<sup>142</sup> Vide *e.g.* Arruda 2004 para uma sistematização sobre estas necrópoles do litoral alentejano e do Algarve.

<sup>143</sup> Barros *et al.* 2003.

<sup>144</sup> Valério *et al.* 2013: 346.

<sup>145</sup> Arruda *et al.* neste volume.

<sup>146</sup> Cuadrado 1963: 31, fig. 6d; 34-35, mapa III; Viana 1945.

<sup>147</sup> Cuadrado 1963: 31, fig. 6d; 34-35, mapa III; Ponte 1986.

<sup>148</sup> Arruda *et al.* neste volume.

<sup>149</sup> Dias *et al.* 1970.

<sup>150</sup> Figueiredo e Mataloto neste volume.

<sup>151</sup> Salvador e Pereira 2012: 320 e 330, fig. 15.

<sup>152</sup> Arruda *et al.* neste volume.

<sup>153</sup> Ruano 1996.

<sup>154</sup> Arruda 2001: 283.

<sup>155</sup> Beirão 1986.

<sup>156</sup> Jiménez Ávila 2001:117.

altura, sendo o espaço funerário ocupado por outras inumações que não respeitam os limites dos recintos.

Se é certo, por um lado, que a influência orientalizante, ou tartéssica, originária das áreas do Baixo Guadalquivir, do Tinto-Odiel ou do litoral alentejano, está presente de forma vincada nas morfologias artefactuais (por vezes já reproduzidas localmente, como no caso dos metais de Palhais) e, porventura, nas ritualizações fúnebres e culturais ou votivas e que o Guadiana não constituiu uma fronteira, é também evidente, por outro lado, a tó-

nica indígena da coroplastia, colocando-se a questão do modo como foi assimilado esse influxo e do grau de aculturação que estas populações efectivamente sofreram.

## AGRADECIMENTOS

A António Monge Soares pela identificação da matéria-prima do escaravelho e das contas de colar de faiança e a Pedro Barros pelo mapa da Fig. 1.

*Texto entregue em Abril de 2014.*

## BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977): *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Biblioteca Praehistorica Hispana XIV. Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. dir. (2007): *La necrópolis de Medellín I. La excavación y sus hallazgos*. Bibliotheca Archaeologia Hispana 26.1. Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. dir. (2008): *La necrópolis de Medellín III. Estudio analítico. IV. Interpretación de la necrópolis. V. El marco histórico de Medellín-Conisturgis*. Bibliotheca Archaeologia Hispana 26.3. Madrid.
- ALMEIDA, J.P. DE e ARAÚJO, L.M. (2009): "Escaravelhos egípcios em Portugal". *Cadmo* 19: 97-130.
- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, S., PORFÍRIO, E., SERRA, M., SOARES, A.M.M. e MORENO-GARCÍA, M. (2010): "Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). O Sudeste no Sudoeste?!". *Zephyrus* LXVI: 133-153.
- ANTUNES, A.S. (2009): *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. O Arqueólogo Português Suplemento 5. Lisboa.
- ANTUNES, A.S., DEUS, M. DE, ESTRELA, S., LARRAZABAL, J., SOARES, A.M.M. e SALVADOR, R.M. (neste volume): "Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3: Contextos de Planície da I Idade do Ferro do Alentejo Interior". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 159-185.
- ANTUNES, A.S., DEUS, M. DE, SOARES, A.M.M., SANTOS, F.J.C., ARÊZ, L., DEWULF, J., BAPTISTA, L. e OLIVEIRA, L. (2012): "Povoados abert-
- tos do Bronze Final no Médio Guadiana". In Jiménez Ávila, J. (ed.): *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA* LXII. Mérida: 277-308.
- ARNAUD, J.M., MARTINS, A. e RAMOS, C. (1994): "Necrópole da Nora Velha (Ourique). Informação da 1.ª campanha de escavação". *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. 2. Lisboa: 199-210.
- ARRUDA, A.M. (2001): "A Idade do Ferro Pós-Orientalizante no Baixo-Alentejo". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4 (2): 207-291.
- ARRUDA, A.M. (2004): "Necrópoles Proto-Históricas do Sul de Portugal: o mundo oriental e orientalizante". In A. González Prats (ed.): *El Mundo Funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios*. Alicante: 457-494.
- ARRUDA, A.M., BARBOSA, R., GOMES, F. e SOUSA, E. DE (neste volume): "A necrópole da Vinha das Caliças (Beja, Portugal)". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 187-224.
- ARRUDA, A.M. e CELESTINO, S. (2009): "Arquitectura religiosa en Tartessos". En P. Mateos, S. Celestino, A. Pizzo e T. Tortosa (eds.): *Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental. IV Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA* XLV. Mérida: 29-78.
- ARRUDA, A., COVANEIRO, J. e CAVACO, S. (2008): "A necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira". *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve. Xelb* 8. Silves: 141-159.

- AUBET, M.E. (1975): *La necrópolis de Setefilla en Lora del Río. Túmulo A*. Programa de Investigaciones Protohistóricas II. Barcelona.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010): *Relatório Final Beja. Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Monte da Lage* (Relatório inédito).
- BARGÃO, P. e FERNANDES, D. (neste volume): “A necrópole de Pisões (Beja)”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta 1*. Mérida: 407-419.
- BARROS, P., BRANCO, G., DUARTE, C. e CORREIA, J. (2003): “A cista dos Gregórios (Silves)”. *Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve. Xelb 5*. Silves: 41-52.
- BARROS, P., MELRO, S. e GONÇALVES, D. (2013): “A necrópole da Idade do Ferro da Abóbada (Almodôvar)”. In J. Jiménez Ávila, M. Bustamante e M. García Cabezas (eds.): *Actas do VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros: 1157-1177.
- BEIRÃO, C. DE M. (1986): *Une civilisation protohistorique du Sud du Portugal (1.º. Âge du Fer)*. Paris.
- BEIRÃO, C. DE M., GOMES, M.V. (1984): “Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal”. *Hommage au géologue Georges Zbyzewsky*. Paris: 450-482.
- BERROCAL-RANGEL, L. e SILVA, A.C. (2010): *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. O Arqueólogo Português Suplemento 6. Lisboa.
- BUERO, M.S. (1984): “Los motivos naturalistas en la cerámica pintada del Bronce Final del Suroeste peninsular”. *Habis 15*: 345-364.
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2008): “O Post-Orientalizante da margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo Central)”. In Jiménez Ávila, J. (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 185-217.
- CALADO, M., MATALOTO, R. e ROCHA, A. (2007): “Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal)”. In A. Rodríguez Díaz e I. Pavón (eds.): *Arqueología de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular. VI Cursos Internacionales de la Universidad de Extremadura*. Cáceres: 129-180.
- CASADO, M.J. (2001): “La cerámica con decoración grabada de época tartésica: estado actual de la cuestión”. *Spal 10*: 283-293.
- CORREIA, V.H. (1986): “Um bronze tartésico inédito: o touro de Mourão”. *Trabalhos de Arqueologia do Sul 1*. Évora: 33-48.
- CELESTINO, S. y JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1993): *El palacio-santuario de Cancho Roano IV. El Sector Norte*. Badajoz.
- CUADRADO, E. (1963): *Precedentes y prototipos de la fíbula anular hispánica*. Trabajos de Prehistoria 7. Madrid.
- CUADRADO, E. e BRITO, M. (1970): “Broches tartésicos de cinturón de doble gancho”. *XI Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: 494-514.
- DEUS, M. DE, ANTUNES, A.S. e SOARES, A.M.M. (2019): “Santa Margarida 1 (Serpa) no contexto do Bronze Final do Sudoeste”. In M. de Deus (ed.): *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 171-188.
- DEUS, M. DE e CORREIA, J. (2005): “Corte Margarida. Mais uma necrópole Orientalizante no Baixo Alentejo”. In S. Celestino e J. Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV, vol. I*. Mérida: 615-618.
- DIAS, M.M., BEIRÃO, C. DE M. e COELHO, L. (1970): “Duas necrópoles da Idade do Ferro do Baixo-Alentejo: Ourique”. *O Arqueólogo Português* (série III) 4: 175-219.
- DIAS, M. e COELHO, L. (1983): “Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique)”. *O Arqueólogo Português* (série IV) 1: 197-206.
- ESTRELA, S., COSTEIRA, C., ALVES, C., PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2012): “Torre Velha 3 (Serpa): um novo ponto no mapa da Idade do Ferro do Sudoeste”. In M. de Deus (ed.): *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 235-268.
- FANTAR, M.H. (1970): *Eschatologie phénicienne et punique: collection, note et documents*. Tunes.
- FIGUEIREDO, M. (2011): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom (Fase de Obra). Sub-bloco de Ferreira. C1. Pardieiro. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos* (Relatório inédito).
- FIGUEIREDO, M. e MATALOTO, R. (neste volume): “Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta 1*. Mérida: 353-398.

- GARCÍA VARGAS, E., MANCEBO, J., CHAVES, F., BANDERA, M.L. DE LA, ORIA, M. e FERRER, E. (1993): "Montemolín. Evolución del asentamiento durante el Bronce Final y el Periodo Orientalizante (campanas de 1980 y 1981)". *Anales de Arqueología Cordobesa* 4: 15-47.
- GARRIDO, J.P. (1970): *Excavaciones en la necrópolis de "La Joya" Huelva I (1ª y 2ª campanas)*. Excavaciones Arqueológicas en España 71. Madrid.
- GARRIDO, J.P. e ORTA, M.E. (1978): *Excavaciones en la necrópolis de La Joya, Huelva II. (3ª, 4ª y 5ª Campanas)*. Excavaciones Arqueológicas en España 96. Madrid.
- GOMES, F. (2012): "Um ciclo iconográfico feminino na Idade do Ferro do Sul de Portugal". *Cadmo* 22: 89-104.
- GOMES, M.V. (1983): "El 'smithing god' de Azougada (Moura)". *Trabajos de Prehistoria* 40. Madrid: 199-220.
- GOMES, M.V. (1990): "O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: smiting gods ou deuses ameaçadores". In A.A. Tavares (dir.): *Presenças Orientalizantes em Portugal, da Pré-história ao período Romano. Estudos Orientais* I. Lisboa: 53-106.
- GOMES, M.V. (1997): "O touro de Mourão: um bronze Urartu". *Homenagem ao Professor António Augusto Tavares. Estudos Orientais* VI. Lisboa: 67-87.
- GOMES, M.V. (2001): "Divindades e santuários púnicos, ou de influência púnica, no Sul de Portugal". *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional*. Lisboa: 99-148.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, R., BARRIONUEVO, F. e AGUILAR, L. (1995): "Mesas de Asta, un centro indígena tartésico en los esteros del Guadalquivir". *Actas del Congreso conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular. Tartessos 25 años después 1968-1993. Biblioteca de Urbanismo y Cultura* 14. Jerez de la Frontera: 215-237.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2001): "La necrópolis de 'El Jardal' (Herrera del Duque, Badajoz). Elementos para el estudio del ritual funerario del Suroeste peninsular a finales de la I Edad del Hierro". *Complutum* 12: 113-122.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002): *La toréutica orientalizante en la Península Ibérica*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 16. Madrid.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002-03): "Estructuras tumulares en el Suroeste Ibérico. En torno al fenómeno tumular en la Protohistoria Peninsular". *Boletín de la Asociación Española de los Amigos de la Arqueología* 42: 1-120.
- MAIA, M. e SILVA, L. (2004): "O culto de Baal em Tavira". *Actas de III Congreso Español del Antiguo Oriente Próximo. Huelva Arqueológica* 20. Huelva: 171-184.
- MAIA, M.G.P (1987): "Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal". *Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas. Veleia* 2-3. Vitoria: 223-242.
- MAIER, J. (1992): "La necropolis de 'La Cruz del Negro' (Carmona, Sevilla). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* 19. Madrid: 95-141.
- MAIER, J. (1996): "La necrópolis tartésica de Bencarrón (Mairena del Alcor/Alcalá de Guadaira, Sevilla) y algunas reflexiones sobre las necrópolis tartésicas de Los Alcores". *Zephyrus* XL. Salamanca: 147-168.
- MATALOTO, R. (2004a): "Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa (Redondo, Alentejo Central)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (2): 139-173.
- MATALOTO, R. (2004b): *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no 1.º Milénio a.C. do Alentejo Central*. Trabalhos de Arqueologia 37. Lisboa.
- MATALOTO, R. (2013): "Os Senhores da Terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto alentejano nos sécs. VI-V a.C." *Arqueologia e História* 62-63: 77-100.
- MONTEAGUDO, L. (1953): "Album gráfico de Carmona por G. Bonsor". *Archivo Español de Arqueología* XXVI: 350-370.
- MORENA, J.A. (2000): *Las cerámicas tartésicas con decoración incisa y digitada del Monte Horquera (Nueva Carteya, Córdoba)*. Córdoba.
- OLIVEIRA, C.F.P. DE (2006): *A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim (séculos IX a III a.n.e.)*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa).
- PARREIRA, R. (1971-75): "O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/ Beja)". *Arquivo de Beja* XXVIII-XXXII: 31-45.
- PARREIRA, R. e SOARES, A.M.M. (1980): "Zu einigen Bronzezeitlichen Höhensiedlungen in Südportugal". *Madrider Mitteilungen* 21: 109-130.
- PONTE, M.S. DA (1986): "Valor residual de seis fíbulas da região de Beja - dimensão arqueológica e significado sócio-cultural". *Arquivo de Beja* (2ª série) 3: 75-87.
- PROENÇA, R. (2010): *Intervenção arqueológica em Monte do Bolor I. Relatório Final*. (Relatório inédito).



- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e ORTIZ, P. (2004): “La Mata’, un edificio organizado”. In A. Rodríguez Díaz (ed.): *El edificio protohistórico de “La Mata” (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: 75-313.
- RUANO, E. (1996): *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera 36. Ibiza.
- RUIZ DE ARBULO, J. (1996): “La asociación de jarras y palanganas de bronce tartésias y ibéricas. Una propuesta de interpretación”. *Revista de Estudios Ibéricos* 2: 173-199.
- RUIZ MATA, D. e PERÉZ PÉREZ, C. (1988): “La necrópolis tumular de Las Cumbres: el túmulo I. Puerto de Santa María, Cádiz”. *Revista de Arqueología* 87: 38-47.
- SALVADOR, R. e PEREIRA, J.A. (2012): “A necrópole da Carlota (S. Brissos, Beja) no contexto cultural da Iª Idade do Ferro no Baixo Alentejo: resultados preliminares”. In M. de Deus (ed.): *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 317-330.
- SALVADOR, R.M. e PEREIRA, J.A. (neste volume): “A paisagem funerária a Oeste de Beja no período Orientalizante: as necrópoles de Carlota (São Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior)”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 333-352.
- SANTOS, F.J.C., ANTUNES, A.S., GRILO, C. e DEUS, M. DE (2009): “A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo”. In J.A. Pérez Macías e E. Romero (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 746-804.
- SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (2013): “O povoado do Bronze Final do Outeiro do Circo (Mombeja/Beringel, Beja): resultados das campanhas de 2008 e 2009”. *Vipasca. Arqueologia e História* (série 2) 4: 15-28.
- SERRA, M., PORFÍRIO, E. e ORTIZ, R. (2008): “O Bronze Final no Sul de Portugal – Um ponto de partida para o estudo do povoado do Outeiro do Circo”. *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Vipasca. Arqueologia e História*. (série 2) 2. Aljustrel: 163-170.
- SILVA, A.C.F. e GOMES, M.V. (1998): *Proto-História de Portugal*. Lisboa.
- SOARES, A.M.M. (2005): “Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 111-145.
- SOARES, A.M.M., ANTUNES, A.S. e DEUS, M. DE (2012): “O Passo Alto no contexto dos povoados fortificados do Bronze Final do Sudoeste”. In J. Jiménez Ávila (ed): *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA* LXII. Mérida: 249-276.
- SOARES, A.M.M., SANTOS, F.J.C., DEWULF, J., DEUS, M. DE e ANTUNES, A.S. (2009): “Práticas rituais no Bronze do Sudoeste: alguns dados”. *II Colóquio de Arqueologia. Práticas Rituais entre o IV Milénio e o I Milénio a.C. no território português. Estudos Arqueológicos de Oeiras* 17. Oeiras: 433-456.
- TORRES, M. (1998): *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 3. Madrid.
- TORRES M. (2004): “Las necrópolis tartésicas”. In A. González Prats (ed): *El mundo funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios*. Alicante: 457-494.
- TORRES, M. (2008): “La necrópolis de Medellín en su contexto tartésico y mediterráneo”. In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín III. Estudio analítico. IV. Interpretación de la necrópolis. V. El marco histórico de Medellín-Conisturgis. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.3. Madrid: 981-992.
- VALÉRIO, P., SOARES, A.M.M., ARAÚJO, M.F., SILVA, R.J.C. e SANTOS, F.J.C. (2013): “The distinctive grave goods from Palhais (Beja, Portugal). New insights into the metallurgical evolution under Orientalizing influence in the southwestern end of Iberia”. *Trabajos de Prehistoria* 70 (2): 340-350.
- VASCONCELLOS, J.L. (1924): “Figuras de bronze antigas do Museu Ethnológico Português. Toiro de bronze de Safara”. *O Archeólogo Português* 26: 19-42.
- VIANA, A. (1945): “Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo”. *Arquivo de Beja* V. Beja: 3-39.
- VILAÇA, R. (1995): *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia 9. Lisboa.
- VILHENA, J. (2006): *O sentido da permanência. As envolventes do Castro da Cola no 2º e 1º milénios a.C.* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa).

